



**Bonecos:  
simbolismo  
da cultura  
popular**



Os valores artísticos, culturais e folclóricos que representa o teatro de bonecos; seu surgimento no Brasil; dificuldades por que passa, atualmente; e a tentativa do Grupo SÓ-RISO, de Olinda, de dar uma nova feição a essa forma de teatro popular, salvando-a do desaparecimento (pag. 9)

## Vice-Reitor assume e quer Universidade desburocratizada



O Vice-Reitor da UFPE, Prof. Geraldo Lafayette, durante a cerimônia de sua posse afirmou que a Universidade deve ser desburocratizada, a fim de que, ao lado de outros fatores, possa cumprir a contento a sua verdadeira missão. (pág. 5)

**JU circula  
para todos  
os leitores**

O JORNAL UNIVERSITÁRIO circula, a partir desta edição, introduzindo mudanças, gráficas e editoriais, de acordo com as perspectivas de atingir o público em geral (antes era restrito ao âmbito universitário), podendo ser adquirido nas principais bancas de revistas e jornais do Recife, ao preço simbólico de Cr\$ 2,00.

**Preço  
Cr\$ 2,00**

## Psiquiatria, um tema polêmico

Os loucos são realmente doentes, no sentido médico do termo? Há quem diga que não, inclusive psiquiatras. A loucura, desde a antiguidade, tem intrigado a opinião pública, inspirando medo e até mes-

mo admiração. A psiquiatria surgiu, como ramo da medicina, com o fim específico de tratar as doenças mentais. Hoje, a chamada antipsiquiatria combate os métodos da psiquiatria clássica, criando uma

orientação radical no âmbito da psicopatologia, para a qual a loucura, como doença, não existe. O assunto é amplamente analisado nas páginas 10 e 11.

### Professor diz como melhorar amadorismo

Na página de esportes, o coordenador do Curso Superior de Educação Física e Técnica de Desportos da UFPE analisa o sistema empregado na preparação das nossas representações amadorísticas em competições internacionais, criticando os pontos fracos e indicando novos métodos (pág. 4)

### Caderno Literário lança novos poetas

O Caderno Literário promove, nesta edição, novos valores no campo da poesia e da prosa. Há também uma análise sobre aspectos técnicos e artesanais da poesia de Marcus Accioly, que lança, neste ano, **Sisifo**, através da Editora Quíron, de São Paulo.

### Pesquisador analisa problema da seca e aponta solução



Professor da Universidade de S. José dos Campos (SP) mostra os caminhos científicos e técnicos pelos quais se poderá acabar o terrível ciclo das estiagens no Nordeste (pág. 12)

## Um estranho no ninho



Hollywood sempre foi acusada de fazer negócio rendoso, mas fútil, produzindo dramalhões ao gosto de fregueses absolutamente vazios. A mensagem desses subprodutos era invariavelmente cor de rosa. Ora, nada como uma complacente visão de mundo, principalmente para aqueles cujas vidas não possuem a significação humana indispensável a toda e qualquer vida que se preze. Assim, filmes como... E o Vento Levou, A Dama das Camélias, Aeroporto 75, nada trouxeram de substancial às multidões que, tanto nos anos 40 como agora nos anos 70, lotam os cinemas para ver

os seus ídolos. Contudo, Hollywood fez suas concessões. De vez em quando, uma luz resplandecia nos complexos e festejados estúdios de Los Angeles. Por exemplo: Glória Feita de Sangue, de Stanley Kubrick. Ou A Beira do Abismo, de Howard Hawks. Ou mesmo Casablanca, de Michael Curtiz, uma história aparentemente banal, mas rodada com extraordinária perícia, num elenco onde a então juvenil Ingrid Bergman e o saudoso Humphrey Bogart têm um desempenho maravilhoso.

## Antigo projeto

Há quase quatorze anos, o ator Kirk Douglas vinha lutando para levar ao cinema o livro "One Flew Over The Cuckoo's Nest", um romance escrito pelo ex-enfermeiro Ken Kesey, uma espécie de precursor da cultura psicodélica. A todo momento, o persistente Douglas ouvia sempre os estúdios dizerem que o tema era pouco comercial. Então, o ator perdeu a paciência e passou os direitos cinematográficos a seu filho Michael. Mas as grandes companhias continuavam a não acreditar em qualquer possibilidade de êxito para o livro de Kesey, obrigando Michael a novas e homéricas doses de paciência. Finalmente, ele convenceu o produtor de discos Saul Zaentz a assumir parte dos custos do filme. E, depois de fundarem a "Fantasy Films", convocaram o tcheco Milos Forman para dirigi-lo.

## Uma loucura muito lúcida

Mas Milos Forman fez certas extensões. Por exemplo: disse que não gostaria de ver celebridades no elenco, afirmando: É difícil convencê-los a despirem a personalidade de astros e aceitarem a orientação de um dire-

tor". No entanto, no que diz respeito a Randle McMurphy, o personagem mais importante do livro, Forman mudou seus métodos e exigiu que o papel fosse entregue a Jack Nicholson. Em seguida, conduziu os membros de sua equipe para o Hospital de Doentes Mentais de Salem, no Estado do Oregon, onde se fizeram todas as tomadas.

McMurphy é um sujeito acusado de seduzir uma menor de quinze anos. Enviado a uma prisão comum, todas as suas atitudes terminaram por convencer as autoridades de que ele não passa de um louco. Recambiado para um asilo psiquiátrico, onde deve ser observado, McMurphy inaugura no asilo a mais desenfreada anarquia. Desesperados, os funcionários da instituição têm o desprazer de vê-lo contestando os processos de cura, interrompendo as sessões de terapia, organizando desvairadas brincadeiras com os pacientes e demonstrando claramente sua alegria com tudo aquilo.

## Limites imprecisos

Para escolher os dezoito atores encarregados de contracenar com Nicholson, o diretor entrevistou 900 pa-

cientes do Hospital de Salem. Todo aquele que o procurava dizendo que sabia simular loucura era logo dispensado. É Forman quem diz: "Desejava atores que se mostrassem tais quais são, gente capaz de perceber que, entre a esquizofrenia e a arte de representar, os limites são muito imprecisos". Tudo isso faz lembrar um célebre diálogo entre Sócrates e o rapsodo Ion, onde o irônico filósofo tenta, a todo custo, confundir o interlocutor. Diz Sócrates: "Pois bem, Ion, que diríamos de um homem, num sacrifício ou festival, envolto em roupagens solenes, a fronte cingida de uma coroa de louro, e que, embora não tenha sido roubado por ninguém, irrompe em pranto, ou se mostra tomado de pânico, na presença de mais de vinte mil rostos amigos, quando ninguém o importuna ou causa o menor dano. Estará ele em seu juízo perfeito?"

O filme de Milos Forman ludibriou as expectativas dos chefões de Hollywood. Quando Audrey Hepburn, após a costumeira e charmosa pausa, proferiu o título da película vencedora, Um Estranho no Ninho (versão brasileira) acabava de conquistar o seu quinto Oscar — antes arrebatará

os de diretor, ator, atriz e roteiro adaptado. Na realidade, Forman é responsável por uma obra realista de relevante profundidade. Utilizando o asilo psiquiátrico como símbolo de uma sociedade injusta, cruel e asfixiante, ele fez crítica social do mais alto nível. Faz já um certo tempo que o cinema americano não oferece um filme tão sério como Um Estranho no Ninho — paradoxalmente realizado por um tcheco. Pode-se elogiá-lo, ainda, por ter conseguido arrancar dos atores tão comoventes interpretações. Nicholson está magnífico no papel de Randle McMurphy. Seu temperamento histriônico, ao qual se adere uma rara mas oportuna dose de dramaticidade, funciona, mais uma vez, admiravelmente. E confirma a opinião daqueles que o consideram o maior ator produzido pelo cinema americano nos últimos quinze anos. Também Louise Fletcher, atriz de televisão praticamente desconhecida, aparece de maneira gratificante. Ela é Hachet, a tirânica enfermeira-chefe responsável pela ordem no asilo. E mais: os dezoito pacientes mais se assemelham a atores experientes, calcados na arte da interpretação. Enfim, ninguém saiu perdendo, muito menos o público.

## TELEVISÃO

## À espera de melhores dias

Quando de sua recente visita a Paris, há uns dois meses atrás, o presidente Ernesto Geisel respondeu a algumas perguntas que não estavam precisamente no programa. Uma delas, feita pelo próprio anfitrião Giscard D'Estaing, presidente da França, dizia respeito

à Televisão brasileira. "Como vai a Televisão no Brasil?", indagou o alto mandatário francês.

"Do ponto de vista técnico, é uma das melhores do mundo; a programação, porém, ainda é muito comercial", ponderou o presidente brasileiro.

E o telespectador de bom gosto há de convir que a Televisão no Brasil pouco tem a oferecer no campo da Cultura. Estabelecida no país há 26 anos, com a instalação da TV Tupi, nossa Televisão sempre sofreu de uma grave subnutrição mental. O telespectador consciente gostaria de mudar o quadro, mas, para o telespectador, é difícil, senão impossível. E mudar por que, se os diretores de nossas emissoras acham que estão dando exatamente o que milhões de brasileiros desejam? Enfim, a julgar pelo que vemos nas duas mais poderosas emissoras do país, a Tupi e a Globo, a interrogação não é descabida.

## A Tupi

A Tupi levou anos a fio produzindo medíocres programas de comichidade. De fato, o conteúdo desses programas era engrossado com piadas e situações as mais estapafúrdias, numa perfeita sintonia com o clima absurdo das chanchadas cinematográficas da Atlântida. As chanchadas, contudo, eram melhores, mesmo porque atendiam ao pressuposto de que o povo carioca é incorrigivelmente humorista. Quer dizer, as comédias cinematográficas eram melhores na medida em que possuíam, pelo menos, uma certa originalidade. Foram pioneiras, não prestaram tributo a ninguém.

Como ponto negativo, ainda pode ser creditado à TV Tupi o fato de ela pouco ter se importado com a música erudita. De fato, os mestres da música sempre estiveram estranhamente ausentes da Televisão Tupi. Só recentemente, já dentro da programação oriunda do Ministério da Educação e Cultura, é que o telespectador da emissora teve a felicidade de deparar com audições de boa música. Mas, formando um visível contraste com os raros empreendimentos culturais de bom nível, a Tupi é responsável por um outro tipo de programa cuja má qualidade salta à vista. Na realidade, a telenovela — o programa em questão — é um dos piores subprodutos culturais impingidos ao telespectador brasileiro. E as telenovelas produzidas pela emissora dão, quase sempre, uma falsa idéia de todo e qualquer tipo de realidade enfocada. Pois as histórias são insustentáveis do ponto de vista da verdade. Pois as situações, criadas para o prazer exclusivo de um público mal informado, são, além de frouxas, tendenciosas. E as interpretações nunca são boas, pois os mais convincentes atores trabalham na Rede Globo.

## E a Globo?

A Rede Globo de Televisão já alcançou seus dez anos de existência. Durante esse

período ela procurou, e atingiu, um alto grau de aperfeiçoamento técnico. Qualquer observador imparcial pode notar que o fantasma da improvisação, que sempre caracterizou a TV no Brasil, desapareceu completamente da Globo. As falhas técnicas acumuladas durante um dia inteiro de programação são mínimas.

Em compensação, é simplesmente impossível se fazer algo simples na Globo. E a exagerada preocupação com a forma leva, obviamente, ao desleixo do conteúdo. Os exemplos são vários. Um deles, o especial Sandra & Miéle (26.03.76), recebeu do crítico Dagomir Marquenzi a qualificação de "exuberante como um show de Las Vegas e tão belo quanto um programa de Moacir Franco". Levando-se em conta os fantásticos índices de audiência da emissora (vinte ou trinta milhões de pessoas devem assistir aos seus programas, segundo pesquisas mais ou menos abalizadas), não é muito confortador verificar que o conteúdo dos programas da Rede Globo deixa a desejar. Somos cidadãos de um país onde não há nada, em termos culturais, que atinja tanta gente.

## Horário vazio

A partir de 1.º de agosto, o apresentador

Silvio Santos não mais comandará o seu longo e fútil programa de auditório. Rapidamente, a Globo providenciou novos programas para ocupar o horário deixado vago por Silvio — que dispunha de inacreditáveis oito horas para alegrar, de maneira discutível, centenas de moças da classe média paulistana. "Novos programas?", perguntam aqueles a quem a emissora veicula suas mensagens. Infelizmente, nem tanto. Dois desses programas, por exemplo, estão apenas voltando, e só Deus sabe por quanto tempo: O Planeta dos Macacos, de origem americana, e Moacir Franco Show, auditório, trazendo cantores e músicos e incluindo seqüências de duvidoso humor, tudo sob o comando do indefectível Moacir Franco.

E continuam os enlatados americanos. Uma porção de filmes policiais sobrecarregados por uma incrível dose de violência, estupro, roubos e assassinatos, mas sem o seu necessário equivalente poético.

Até que, tocados por um providencial raio de luz, os responsáveis pelos nossos canais de televisão resolvam premiar os telespectadores com uma programação mais sensível e inteligente. Até lá, estaremos à espera de melhores dias.

Reitor .....	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor .....	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário .....	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico .....	Theophilo Benedicto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação .....	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento .....	Leonides Alves da Silva Filho
Diretor do DEC .....	Marcus Accioly
Redator-chefe .....	Manoel Neto Teixeira
Redatores .....	Raimundo Carrero
.....	Ângelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Ângela Delouche
Diagramador .....	Josias Florencio da Silva
Repórter-Fotográfico .....	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

## Jornal Universitário nas Bancas

Está facultada a leitura do JORNAL UNIVERSITÁRIO ao grande público, a partir desta edição. Em cada fim de mês, o leitor interessado nos assuntos universitários, culturais e artísticos em geral, pode adquirir exemplares deste periódico ao preço simbólico de Cr\$ 2,00, nas principais bancas de revistas e jornais do Recife.

A remessa do JU, no entanto, para as bibliotecas, instituições de ensino e pesquisas, do Brasil e de outros países, com as quais a Universidade Federal de Pernambuco mantém intercâmbio, bem como para as autoridades constituídas, não sofrerá solução de continuidade. A sua vendagem, através dos estabelecimentos que operam no ramo, objetiva atingir o grande público, posto que, ao contrário do que pensam alguns, um jornal universitário pode prestar relevantes serviços à comunidade, mercê da própria missão da Universidade.

Até a edição anterior, estava a circulação do JU restrita ao âmbito universitário, o que já era suficiente para o justificar. Dentro de um planejamento racional, no entanto, analisando-se os diversos aspectos que envolvem o assunto, o diretor do Departamento de Extensão Cultural (através do qual é editado) propôs ao Reitor Paulo Maciel a possibilidade de levar o JU ao grande público e, de

pronto, o alto dirigente da UFPE aprovou a idéia.

Está o Reitor Paulo Maciel, perfeitamente identificado com o verdadeiro espírito universitário, pois, se o objetivo da Universidade é viver com e para a comunidade, não poderia ser diferente a sua reação, posto que o JORNAL UNIVERSITÁRIO, como veículo de difusão do trabalho da UFPE, em princípio, destina-se a ser mais um elo de ligação, uma ponte, mesmo, capaz de, ao lado de outros órgãos como a Televisão Universitária Canal 11 e a Rádio Universitária, prestar relevantes serviços ao público, informando-o e orientando-o, de forma imparcial e sem comprometer-se, a não ser com a verdade científica, cultural e artística.

Não se trata de uma iniciativa pioneira, uma vez que, em outros países — América do Norte, por exemplo —, há jornais universitários que circulam para o grande público, inclusive diariamente. Poderão, agora, estudantes, professores, pesquisadores e dirigentes universitários manifestar, de público, suas opiniões, análises de temas, quer envolvam ou não a Universidade, oferecendo ao mesmo tempo sugestões a questões diversas. O JORNAL UNIVERSITÁRIO é o seu veículo de ligação com o público, doravante, dentro de critérios dos quais não pode fugir o trabalho universitário.

## Prof. Amílcar dirige Centro

O primeiro Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal de Pernambuco, é o Professor Amílcar de Oliveira Bezerra. Durante a posse foi saudado pelo Professor Telmo Frederico Maciel que afirmou, entre outros pontos:

"O Centro de Ciências Sociais Aplicadas há de ser um dos maiores centros desta Universidade, se souber integrar. Se souber integrar ensino e pesquisa, e ensino

e pesquisa, concomitantemente nas áreas integradas de Economia, Administração, Contabilidade, e por que não dizer, levando seus tentáculos a outras inter-relações: como Engenharia, especialmente Engenharia de Produção com Sociologia, etc".

Ressaltou, ainda, que "esta Faculdade não teve momentos felizes em certa hora. Chegou a ser classificada, injustamente, é verdade, mas

deu cabimento a isto, como uma das piores Faculdades de Ciências Econômicas do País. E hoje, como vemos nós, é uma das melhores do País".

Lembrou que Oliveira Bezerra foi o seu assistente de Econometria, na antiga Faculdade de Ciências Econômicas e, por isso mesmo, sentia-se muito feliz em vê-lo assumir a direção do Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

## Produção científica repercute

A produção científica e intelectual dos professores e pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco vem alcançando ampla repercussão em outros centros de estudos, do País e no Exterior.

Recentemente, a UFPE recebeu correspondência do Conselho Nacional de Pesquisas do Egito solicitando exemplares da revista do Instituto de Antibióticos, dirigido

pelo Professor Oswaldo Gonçalves de Lima.

O pedido veio por intermédio da Embaixada do Brasil no Cairo, e relaciona os seguintes artigos da referida revista:

Vol. 1 (part. 1) pp 23-31 (1958); Vol. 1 (part. 2) pp 107-114 (1958); Vol. 2 (part. 2/2) pp 3-6 (1958); Vol. 3 (part. 1) pp 61-92 (1961); Vol. 4 (part. 1/2) pp 3-17 (1962, e, da revista "Qualitas

Plant Materia Veg"); Vol. 9 (part. 3) pp 257-285 — (1963).

O Departamento de Co-Operação Cultural, Científica e Tecnológica (DCT) do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, agradece a remessa dos exemplares, ao mesmo tempo que destaca o trabalho científico e cultural que vem sendo desenvolvido pela Universidade Federal de Pernambuco.

## Catálogo enumera produção científica nas diversas áreas do saber da UFPE

Encontra-se em andamento grande número de pesquisas em todas as áreas do saber na Universidade Federal de Pernambuco.

A Pró-Reitoria de Pesquisas e Pós-Graduação publicou, no ano passado, Catálogo das pesquisas realizadas por professores da UFPE, num total de 434 trabalhos publicados, 58 em fase de publicação e 335 em desenvolvimento. Sabe-se que pesquisas caracterizam o moderno conceito de universidade como sinônimo de centro criador do saber. Ressalte-se que esta publicação é a primeira que se faz, no gênero: reúne, de forma sintética, as atividades de pesquisas desenvolvidas no âmbito de cada Departamento durante o período 1971/1974.

Das pesquisas em desenvolvimento, com término provável para este ano ou o próximo, destacamos:

Função do Abastecimento na área Metropolitana do Grande Recife, do pesquisador Moisés Agamenon Sampaio Andrade, com objetivo de estudar a função do abastecimento na área metropolitana do Grande Recife.

Olinda, Estudo de Crescimento da Cidade — História e Arte, que tem como pesquisador principal o prof. José Luiz Mota Menezes e como colaboradores José Eduardo Tinoco, Glauciano Silva e Gustavo José Bandeira.

Essa pesquisa tem por objetivo permitir uma visão histórico-artística do crescimento da cidade, objetivando suas construções mais antigas e ruas que se mantiveram fiéis ao traçado original quincentista.

Projeto de Estudo Coordenado da Norma Lingüística Urbana Culta, cujo objetivo é o de descrever a língua culta falada no Brasil, por meio de levantamento da língua padrão, falada por uma classe social culta.

O pesquisador principal é o Prof. José Brasileiro Vilanova, (Coordenador Regional). São colaboradores: Adair Plácio, Edileusa Silva, José Ricardo Paes Barreto, Maria Núbia da C. Borges e Piedade Moreira de Sá.

Esse levantamento da Norma Lingüística teve início em 1971, estando seu término previsto para 1980.

Cálculos do Tipo Orbitais Moleculares nos Sistemas Moesbauer, do pesquisador, Prof. Ira Mark Brinn, — pesquisa iniciada em 1967 com término previsto para este ano —, tem como objetivo, usando método CNDO/2, calcular as densidades eletrônicas na série VE (1-X-1,2-dimidoetano) como uma "molecular modelo" devido ao tamanho proibitivo da fenantrolina.

Síntese de Derivados do Glixol, que tem como pesquisador principal o Prof. Alexandre Ricardo Pereira Schuler e, como colaboradores, Ivan Leônico d'Albuquerque, Cassilda Leal Schuler, Lúcia Helena Aguiar de Souza, tem por objetivo encontrar outros derivados que apresentem ação melhorada relativamente ao metil glixol.

Aquecimento de Plasmas por Radiação na Presença de Campos Magnéticos Fortes que tem como pesquisador principal o bolsista M. A. Amato e como colaborador L. C. M. Miranda. Objetivo: entender melhor os processos de aquecimento de plasmas em campos magnéticos fortes quando submetidos a um feixe intenso de radiação. Até agora o problema de aquecimento só foi estudado para plasmas ou na ausência de campos magnéticos ou na presença de campos fracos. Pretendemos estender essas teorias para o caso de campos fortes.

Estudo da Esterificação do Colesterol no Plasma e Fígado de Camundongos Normais e Esquistossomóticos e no Plasma de Pacientes Portadores de Esquistossomose Mansônica cujo pesquisador principal é o Prof. Dalmo N. C. de Oliveira e tem os seguintes colaboradores: James Owen, Sulamitha Borges, Vera Lúcia Ramalho, Yeda Maria Cechinel, Joselito S. Medeiros, José Carlos de M. Costa, Levy dos Santos Guedes, Maria das Graças Branco, Walsila G. de Melo.

Essa pesquisa foi iniciada em 1970 e tem término previsto para este ano, seu objetivo é o estudo da participação de uma série de fatores que podem estar envolvidos na diminuição das concentrações de colesterol esterificado no plasma e fígado esquistossomóticos como sejam: concentração da enzima esterificante, concentração dos substratos de reação, presença anormal de inibidores da esterificação, presença anormal da atividade hidrolítica sobre ésteres do colesterol.

Determinação de Aminoácidos em Plantas Forrageiras: Setaria Sphaelata; Serghum Sudanensis; Andropogon Selleanus; Digitária Decumbens; Hipparhenia Diplanon e Tripsacum Dactiloides.

Pesquisador principal, Prof. Ed. Paschoal Carrazzoni e colaboradores M. M. C. Wanderley e O. E. Silva.

Essa pesquisa começou em 1971 e tem término provável em 1978, seu objetivo é o estudo do conteúdo em ácidos aminados de algumas plantas forrageiras de uso corrente.

História do Nordeste no Período de 1500 a 1630 do Prof. José Antonio Gonçalves, iniciada em 1970, com término provável para este ano, tem por objetivo o de escrever uma história do Nordeste do Brasil e especialmente de Pernambuco no período citado.

Liberalismo e Constitucionalismo no Sec. XIX, do Prof. Nelson Saldanha, com término previsto para este ano, tem por objetivo: Preparação de um estudo sobre o tema correspondendo a tópicos dos cursos dados nos mestrados de Direito e História.

Nutrição e Estrutura Social, tem como pesquisador principal o Prof. Heraldo P. Souto Maior e como colaborador Elvira Flávia L. de Carvalho.

Iniciada em 1972 tem término previsto para o corrente ano e por objetivo colocar em evidência a contribuição das Ciências Sociais para a compreensão dos problemas de saúde nas áreas subdesenvolvidas.

## Livro de Amaro Quintas é recomendado em São Paulo

O Professor Michel M. Debrun, coordenador da Pós-Graduação em Ciências Políticas da Universidade Estadual de Campinas (SP), considera o livro do Professor Amaro Quintas — O Sentido Social da Revolução Praieira — "fundamental para a inteligência do Brasil Imperial, e que recomendo calorosamente a todos os alunos que empreendem teses de Mestrado de Política relacionadas com aquele período, ainda que o foco da análise não seja Pernambuco".

O trabalho do Professor Nelson Saldanha — História das Ideias Políticas no Brasil — mereceu idênticas referências por parte do Prof. Michel M. Debrun, que solicitou inclusive exemplares da obra.

## Comissão elogia nível das aulas de EPB da UFPE

O Presidente da Comissão Nacional de Moral e Civismo, Professor Geraldo Montedônio, remeteu ao Professor Joel Pontes, Coordenador de Estudo de Problemas Brasileiros na Universidade Federal de Pernambuco, ofício agradecendo a remessa da publicação mais recente sobre EPB.

Tem o seguinte teor a correspondência:

"Recebemos com satisfação o exemplar que V. Sa. teve a gentileza de nos enviar, da publicação EPB — Aulas de 1975, da Universidade Federal de Pernambuco, onde o ilustre Professor exerce, com exemplar desenvolvido, a função de Coordenador do Estudo de Problemas Brasileiros.

A publicação em apreço, em seu conteúdo e no desenvolvimento dos trabalhos, todos eles confiados a competentes especialistas, reflete a seriedade com que a Universidade Federal de Pernambuco e essa Coordenação, em particular, encaram o ensino da referida disciplina, de significação decisiva para a compenetração cívica dos jovens brasileiros.

Manifestando os nossos aplausos a V. Sa. e a seu experimentado corpo de Assessores pela continuidade do esforço assinalado anualmente pela divulgação impressa das aulas de EPB nessa Universidade, valemos do ensejo para reiterar-lhe nossos protestos de apreço e consideração".

## Mestre divulga nossa literatura para americanos

Frederick Charles Hesso Garcia, radicado como professor há 17 anos nos Estados Unidos, e Catedrático de Língua Portuguesa, na Academia Militar desse país, em West Point, numa promoção do DEC, através de contato do Prof. Lucio Varejão Filho, pronunciou este mês no Instituto de Letras da UFPE, uma conferência sobre o título: "Guimarães Rosa: Escritor de Exportação", onde procurou analisar a presença desse escritor brasileiro na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Para chegar às conclusões que chegou, o conferencista examinou as obras traduzidas em Inglês, bem como a reação da crítica inglesa. Além disso, analisou estudos, ensaios "Tese de Doutorado", aparecido sobre Guimarães Rosa.

O prof. Frederick é autor de vários outros trabalhos, entre conferências e ensaios, sobre vários escritores, tanto brasileiros como portugueses. Sua tese de PHD, foi "Visão Americana das Letras Brasileiras", na Universidade de Nova York.

O prof. confessou que nos Estados Unidos prevalece, ainda que hoje em menor escala, uma preocupação com o exótico de nossa cultura; e, dessa forma, autores de vultos como Machado de Assis só começaram a aparecer lá, em tradução, a partir de 1952. Érico Veríssimo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, e alguns pensadores brasileiros, como Euclides da Cunha, Sívio Romero e Gilberto Freyre e poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Mello Neto, são os nossos autores, entre prosadores e poetas, mais divulgados nos Estados Unidos.

# Ser juiz é ser todo poderoso



Um juiz de futebol pode estar entre as primeiras personalidades do desporto nacional. Para isso, ele terá apenas que interpretar e aplicar corretamente as regras do esporte bretão. Um juiz, o brasileiro Armando Nunes Castanheira da Rosa Marques, não deixou escapar a oportunidade. Teatral mas eficiente, Armando Marques ganhou manchetes de jornais e revistas, deu entrevistas à Televisão, viajou pelo mundo todo e, como integrante do quadro de árbitros da Federation International Football Association (FIFA), apitou importantíssimas parti-

das internacionais. Trata-se de uma indiscutível consagração.

Um outro, o alemão Rudi Tentscher, já foi considerado o melhor árbitro do país. Trata-se de um velho conhecido do torcedor brasileiro, pois, entre outros jogos com televisoramento direto para o Brasil, Tentscher dirigiu o penúltimo compromisso do selecionado brasileiro na última Copa do mundo, contra a exuberante locomotiva holandesa. Na ocasião, sentimentos pátrios à parte, ele cometeu seus enganos. Deixou, por exemplo, que o holandês Johann Cruiff marcasse um gol em posição

irregular. Expulsou o zagueiro brasileiro Luis Pereira, mas deixou de expulsar o ponta esquerda holandês, mesmo presenciando as indisciplinas praticadas pelo mesmo. E mais: num jogo entre o Bayern de Munich e o Borussia de Dortmund, pelo campeonato alemão, Tentscher não foi capaz de coibir a violência posta em prática pelos 22 jogadores. Torcida e imprensa não o perdoaram.

Na realidade, os juizes dispõem de poderes absolutos dentro das quatro linhas de um gramado. E, como todo e qualquer individuo humano,

ele está sujeito ao erro. Só que raramente é punido. Mas Armando Marques, que já errou muito, chegou a ser advertido pela FIFA por causa de sua má performance no transcorrer do jogo entre os selecionados da Iugoslávia e da República Federal da Alemanha, em 1974, válida pelo último campeonato mundial de futebol.

#### Cordeiro mau

Do ponto de vista do torcedor, nada tão inglório do que pagar vinte cruzeiros por uma arquibancada. Pior ainda, po-

rém, é presenciar um espetáculo tumultuado por jogadores, dirigentes e trio de arbitragem. Foi o que aconteceu no jogo entre os times do Sport e do Náutico, que faziam o primeiro clássico do III e derradeiro turno do Campeonato pernambucano de futebol. O jogo, realizado numa quarta-feira de meados de junho, quase não termina: o Náutico teve três jogadores expulsos, sendo um injustamente (o lateral Miguel). Os dirigentes do time alvirubro invadiram o campo e a torcida, excitada e irritada, atirou bombas juninas num dos bandeirinhas — Manuel Amaro,

o único que vinha acertando nas marcações. Resultado: em vista dos lamentáveis acontecimentos, agora comuns no futebol do Estado, o quadro de árbitros da Federação Pernambucana de Futebol pode ser extinto. Há culpados, e eles formam legião. Talvez Gilson Cordeiro, que arbitrou a partida, seja o menos culpado. Quem, então, foi o maior responsável? Só se sabe de uma coisa: com tais ocorrências, o futebol pernambucano, que já possui excelente cotação, fica desprestigiado. E o Campeonato Nacional de Clubes está às portas.

## A trajetória de um técnico por entre aplausos e apupos



Sentado no banco por trás da trave, como se fosse um expurgado do campo, inquieto ou calmo, o técnico de futebol observa a movimentação de 22 jogadores que não decidem apenas o resultado da partida, mas, sobretudo, a sorte do orientador. De acordo com as leis, não tem, sequer, o direito de se levantar do banco para orientar os craques. No entanto, toda a responsabilidade do placar será atribuída às suas costas. Vencendo, não cumpriu mais do que sua obrigação, observa o torcedor; e outro ainda acrescenta: "Com um time desses, até eu seria campeão". Caso

seja derrotado, não tem competência e, ainda que o time esteja cheio de pernas-de-pau, dir-se-á que são "craques verdadeiros e que o técnico é incompetente".

Seu comportamento na "periferia" do campo é observado passo a passo: se ficar sempre sentado, mandando que o massagista leve os seus "recados" para os jogadores, é incompetente e não tem cátedra. Caso prefira ficar quase sempre de pé, gritando com os jogadores, reclamando da arbitragem, não passa de um tumultuador, de um mal educado, e, na lingua-

gem rasteira de alguns locutores esportivos, de um "marginal". O técnico tem o direito de ser responsabilizado pela derrota do seu time, mas da partida não pode participar.

E tem ainda um agravante: sua profissão não é reconhecida pela lei. É, portanto, uma figura inexistente, como se fosse um anjo demoníaco, nem carne nem peixe. Juridicamente não existe. E é como observa o torcedor: se ser técnico fosse bom, ele teria passado preso ao clube e outras garantias.

## Professor quer amadorismo com mais planificação

O Professor Antônio Maria Moreira Cardoso Júnior, coordenador do Curso de Educação Física da UFPE, tem a receita certa para superação dos pálicos papéis do amadorismo brasileiro em competições internacionais: planificação científica e maior ajuda social aos atletas. Enfim, toda uma estrutura nova; e mentalidade também, é claro.

Ele justifica: "Parece-me que as razões dos nossos insucessos são a falta de uma planificação científica e uma maior ajuda social. Para isto, se faz necessária a designação de um grupo de especialistas em dedicação exclusiva, pois não se compreende mais a participação dos "amadores" que dividem o tempo com suas ocupações normais.

Esses especialistas devem estar concentrados em centros de pesquisas, pondo em funcionamento um sistema de recrutamento e aperfeiçoamento dos jovens que demonstram habilidades atléticas, e estudando os problemas esportivos em conformidade com o desenvolvimento social trabalho e cultura pessoal.

Por outro lado, a ajuda social tem se tornado um ponto decisivo no esporte de alta competição. É preciso assegurar, ao praticante, os meios materiais para treinar e se afirmar, bem como para garantir-lhe o futuro. Para isso, têm surgido, em certos países, os internatos esportivos, os "mestres do esporte".

Na Espanha, os candidatos olímpicos são reunidos em dois centros principais, um em Madri, e outro em Barcelona. Os alunos prosseguem seus estudos, seja dentro das escolas profissionais ou na Universidade, mas morando perto do centro. "O Comitê Olímpico Belga criou um Departamento de Assistência aos Atletas que prometem. A ajuda está caracterizada sob a forma de equipamento, de subvenções para alimentação, de ajuda de custo para viagens e de compensações por perda de salário".

#### NÍVEL

O Professor Antonio Maria Moreira Cardoso Júnior é bacharel em Letras Neo-Latinas, Unicap em Direito (UFPE), além de ter vários cursos de aperfeiçoamento. Professor e técnico de basquetebol, pela Fesp, foi técnico de diversas seleções pernambucanas e assistente técnico da Seleção Brasileira Universitária de Basquetebol, que conquistou o 3º lugar nas Olimpíadas de Tóquio; é professor de Organização da Educação Física e Desportos, de Peso e Halteres; e Basketball na UFPE além disso, é autor de vários trabalhos nessa área.

## Educação Física preocupa deputados

O problema da educação física no Brasil vem despertando a atenção de vários setores especializados do País, culminando agora, com as audiências sobre essa atividade, realizadas pela Comissão de Educação e Cultura

da Câmara dos Deputados, presidida pelo Parlamentar Alvaro Valle.

As audiências foram realizadas nos dias 18 e 19 de junho, e tiveram como expositores, entre eles, os professores Osny Vascon-

celos, diretor-geral do DED; Antônio Boaventura da Silva; Célio Cordeiro Filho, José Augusto Cisneiros, Lamartine Pereira da Costa; Marco Antônio de Moraes e Roberto de Carvalho Ravel

# Lafayette assume Vice-Reitoria e quer Universidade desburocratizada

Defendendo uma Universidade viva, atuante e desburocratizada, capaz de impor o seu próprio ritmo, responsável que é pelo estabelecimento de modelos para a comunidade a que pertence e serve, o Professor Geraldo Lafayette Bezerra assumiu a Vice-Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco, proclamando, ao mesmo tempo, a união de todos — professores, alunos, funcionários e autoridades em geral — a fim de que a instituição universitária atinja realmente os seus desígnios.

Foi uma cerimônia significativa, fazendo reviver a tradição que envolve esses momentos da vida universitária. Apenas um deta-

lhe destoante: o auditório "João Alfredo na Reitoria, foi pequeno demais para acolher o grande público, dentre professores, estudantes, servidores da própria UFPE, autoridades constituídas, amigos e familiares do novo dirigente desta Universidade. Mas foi o próprio Geraldo Lafayette quem escolheu o local, onde sempre esteve como integrante dos Conselhos Superiores — Universitário e Coordenador de Ensino e Pesquisa.

## CERIMONIAL

Embora o Prof. Geraldo Lafayette não morra de amores por formalidades, pois sempre se postou com simplicidade, no pró-

prio contexto universitário, a sua posse no entanto, não fugiu à regra: desenvolveu-se de acordo com o cerimonial característico desses atos. Ele foi introduzido ao auditório por uma comissão composta dos professores Arthur Coutinho, Paulo de Queiroz Borba e Gilberto Osório de Oliveira Andrade. A entrada foi calorosamente aplaudida.

Na presidência da sessão extraordinária do Conselho Universitário estava o Reitor Paulo Maciel, que convidou as seguintes autoridades para a composição da mesa: Syleno Ribeiro de Paiva, delegado regional do MEC e representante do Ministro Ney Braga; ex-reitores Murilo Guimarães e Mar-

cionilo Lins, da UFPE; Antônio Figueira, Reitor da Universidade Estadual de Pernambuco; Evaldo Cirne de Azevedo, representante da Universidade Federal Rural de Pernambuco; Antônio Dias, representante da Universidade Federal da Paraíba; deputado Arnaldo Lafayette, representante do Poder Legislativo Federal; e ten. cel. Zeno Marques, representante do IV Exército.

Coube ao secretário-geral da UFPE, Prof. José Césio Regueira Costa, a leitura do ato presidencial que nomeou o Prof. Lafayette, que fez o juramento de praxe e, em seguida, a posse, em nome do Ministro Ney Braga, da Educação e Cultura.



Lafayette expressa conceitos sobre Universidade



## Não foi ao azar do improviso

Em nome do corpo docente, o recém-empossado foi saudado pelo Professor Gilberto Osório de Andrade, que enfatizou suas atividades desde a época em que presidiu o Diretório Acadêmico da então Faculdade de Filosofia de Pernambuco até a direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, "não chegando ao Vice-Reitorado ao azar do improviso".

"Sempre coerentemente e por inteiro voltada para as atividades do Magistério, sua vida intelectual e profissional desenvolveram-se durante vários anos, numa primeira fase, repartida entre Pernambuco e a Paraíba. Concentrou, afinal, seu desempenho nesta Universidade que a partir de hoje o tem como Vice-Reitor. Aqui, com efeito, é duas vezes Professor titular: de Lógica, no Departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, e de História e Filosofia da Educação, no Centro de Educação".

Depois de enumerar as atividades profissionais e intelectuais do Prof. Lafayette, o orador lembrou a sua contribuição à Reforma Universitária, dizendo:

"Eram aqueles os tempos heróicos da Reforma Universitária. Heróicos como os tempos de Teseu nos labirintos de Creta, ou como os dos companheiros de Ulisses, às voltas ora com as sereias, ora com o Polifemo. Quando os que propugnávamos a Reforma éramos ridiculamente poucos, contra os muitos que lhe contestavam a oportunidade e os muito mais ainda que encolhiam os ombros e nem sequer consentiam em dialogar. Agora, passados 15 anos desde quando aqueles duros embates começaram, não deixa de ser compensador ouvirmos, em cada lugar da Universidade e a cada momento destes nossos dias, tantos e tão ilustres dentre os nossos pares falarem a mesma linguagem, arrozoarem segundo os mesmos postulados e frequentarem, em suma, aquelas mesmas perspectivas que nos tempos heróicos eram provocações abominavelmente heréticas. Desses tempos e dos poucos, muito poucos, que vigilavam e velavam, lembramo-nos muito bem de Geraldo Lafayette, aqui

como na Paraíba, interessado e polêmico, ardoroso sectário da mudança cuja necessidade acabara por se mostrar imperiosa".

Em outro tópico da saudação, o Prof. Gilberto Osório afirmou: "Invejável — permita-nos dizê-lo o ilustre Vice-Reitor que agora se inaugura — é a parceria que vai ter na gestão superior desta Universidade, no dia a dia das preocupações e responsabilidades que vai compartilhar com essa admirável figura que é o Magnífico Reitor Professor Paulo Maciel, provavelmente reinos interessado em tê-lo como um substituto eventual do que como colaborador valioso e conselheiro assíduo, pois a partir de hoje se associam no Reitorado dois humanistas, porque o velho humanismo — o que se definiu no século XVI como renascimento ou recuperação dos clássicos e da filosofia moral da antiguidade — já cumpriu seu papel e é coisa do passado. Ao passo que a presente reativação da consciência humanística em plena era tecnológica — era de repetidos impactos da ciência e da tecnologia sobre a vida e a sociedade moderna e sobre o destino individual da pessoa humana — consagra-se a proteger o homem contra as estúrdias da cibernética e as ciladas do automatismo. Tanto mais quanto é certo que a inteligência formada no trato dos problemas gerais, mais facilmente e até em menos tempo capacita-se melhor tecnicamente. Não é outra a evidência que inspira a política educacional brasileira atualmente formulada em função algébrica do binômio formação geral mais qualificação para o trabalho. Tal como se exprime, de resto, através da mais recente reforma do ensino pré-universitário, porquanto a Lei n.º 5.692/71, embora enfatizando, como nunca dantes se fizera, que o processo desenvolvimentista exige antes de tudo uma educação para o trabalho, não opõe o ensino profissionalizante, ou ensino técnico, à educação geral, convencional. Antes complementa o primeiro à custa da segunda e dessarte previne e reforça as perspectivas neo-humanísticas da educação nacional".

## O agradecimento na hora certa

Ao agradecer as referências ao seu nome, o Professor Geraldo Lafayette se fez reconhecer inicialmente, ao Reitor Paulo Maciel, ao Conselho Universitário e aos Excelentíssimos Senhores Presidentes da República e Ministro da Educação e Cultura, pela confiança nele depositada.

Em seguida agradeceu ao Prof. Gilberto Osório de Andrade, "incomparável e eminente mestre", as palavras de saudação em nome do Conselho Universitário, afirmando que os trabalhos escritos pelo referido conselheiro encerram conceitos básicos e constituem ponto obrigatório de consultas — roteiro indispensável para o estudo e o equacionamento de tudo o que foi feito de renovador e de positivo, nos últimos 15 anos, na Universidade Brasileira".

Declarou, ainda, que chegada à Vice-Reitoria com a convicção formada da alta responsabilidade, não apenas de substituir, eventualmente, "porém de trabalhar lado a lado com esta admirável e extraordinária figura humana que é o Reitor Paulo Maciel".

Fez referências à equipe de Pró-Reitores Diretores de Departamento e de Órgãos Suplementares, Procuradores Jurídicos e Assessores atuais, e, bem assim, aos antigos Vice-Reitores desta Universidade, pedindo a todos apoio e compreensão, inclusive de professores" estudantes e funcionários.

O Vice-Reitor enfatizou, também, o valor e a importância da tecnologia e do humanismo, posto que ambas são igualmente indispensáveis ao desenvolvimento das comunidades.

Expressou o ponto de vista de que a Universidade deve ser viva, atuante e desburocratizada, verdadeiro suporte de renovação sócio-cultural e que deve estar sempre em busca da melhoria e do aperfeiçoamento dos padrões qualitativos do ensino e da pesquisa.

Por fim, formulou homenagem aos demais integrantes da lista sextupla de Vice-Reitor e agradeceu a presença das autoridades, amigos e familiares, autêntico testemunho do seu largo círculo de amizade.

## As palavras, como sempre, de improviso, do Reitor Paulo Maciel:

Em primeiro lugar, as minhas desculpas, realmente, à Sra. Geraldo Lafayette, por não ter feito essa alusão à sua pessoa, o que faço agora; pois, compreendo não só a sua função de complementaridade, como interpreto bem esse outro elo, o elo intuitivo, o elo subjetivo que a cultura feminina traz a quem faz cultura; as minhas saudações.

Meu eminente companheiro e amigo Geraldo Lafayette: o Prof. Gilberto Osório de Andrade trouxe, em nome dos Conselhos e do Corpo Docente, a saudação que esta casa gostaria de ouvir e de sentir. Cabe-me o fórum, cabe-me por competência jurídica, trazer a palavra complementar, em nome dos discentes que também estão em festa e em nome dos que fazem a Administração, desta Universidade. Faça-o com maior prazer e, de logo, integro o pacto de unidade amiga que Geraldo Lafayette acaba de me trazer aos caminhos da vida pública que todos nós juntos percorremos fazendo a Universidade Federal de Pernambuco.

Trago, porém, em nome desses e no meu próprio, a saudação fraterna e a amizade compreensiva. Conheço Geraldo Lafayette há muitos anos e o vejo, como todos o vêem: simples e simpático. Simples, sem ser simplório, o que no sufixo traduz para uns, a maldade, e para outros, o não saber. O simples sorri como ele que é, realmente, o homem de sorrisos. As vezes, tenho a impressão, meu caro Geraldo Lafayette, de gozar das gargalhadas interiores; porque o simples sabe na sua experiência e numa sua vida múltipla exercida muitos anos, não só intuir, mas conhecer os valores e o distinguir, perfeitamente bem, do fato quase inso-

lente de alguns, que pretendem ser muito mais do que são.

A sua simplicidade as minhas maiores homenagens e as homenagens desta casa. Por outro lado, simpático; e simpático, não somente, dessa simpatia passiva que JEAN COCTEAU dizia ser própria dos homens continentais e que participam, com todos os outros, dos grandes momentos da alegria e prazer; mas, simpatia ativa que procura em todos os momentos, o elo da fraternidade que é eminentemente criador. E assim, para não quebrar o protocolo que exigia da minha palavra somente uma palavra final — eu me permito trazer agradecido a esses votos de apoio e de amizade que não só para mim, são para a Universidade — permita-me trazer, em reversão, as minhas homenagens a todos os presentes; ao Conselho Universitário, que dentro das formalidades mais solenes, porque as horas solenes são formais por substância, trazem a sua presença e o seu apoio. Aos velhos mestres, alguns dos que pude enunciar, que trazem a presença da continuidade e da história que é a própria Universidade, que não é de hoje e nem será de amanhã, mas será o contínuo que os sociólogos do conhecimento, deverão interpretar, através dos anos.

Trago o agradecimento à representatividade das Universidades irmãs, à Universidade Estadual de Pernambuco; à Universidade Federal Rural e à Universidade Católica; à representação parlamentar, à representação ilustre do Comando do IV Exército e a todos os presentes, desejando a todos que compactuem do mesmo estado de espírito que é o meu próprio, do maior regozijo Universitário e do melhor espírito de alegria nessa hora solene.

folclore



# NOSSO SOLO CULTURAL SEDIMENTADO PELA INFLUÊNCIA NEGRA

ANGELA DELOUCHE

"O negro se integrou no Folclore brasileiro pelos folk-ways que carrou e pela adaptação com outros povos formadores da nacionalidade", diz Renato Almeida, acrescentando que "não foi uma contribuição tranquila, nem ordenada, como em certos aspectos a portuguesa, mas intensa e confusa".

A condição de escravo, a língua — o que dificultou a difusão da literatura oral, pois, como observa Edison Carneiro, as línguas nagô, o jêje e o quimundo sobreviveram em alguns centros, como na Bahia, mas estritamente no culto e entre eles mesmos.

A proveniência dos africanos, na época da escravatura, proveniência de diversas áreas culturais, foi outro entrave. Vinham da área oriental do gado, a área do Congo, sub-área da Costa da Guiné e do Sudão oriental e ocidental. Traziam culturas diversas e como eram

distribuídos heterogeneamente o resultado era o esfacelamento. Certo que os sudaneses na Bahia e os bantos em Pernambuco formaram agrupamentos mais ou menos numerosos.

Para Roger Bastide o folclore do negro, por uma transferência das funções dos fatos folclóricos, resultou em artificialidade, no que discordam outros estudiosos, uma vez que tanto na cultura material como na espiritual, a presença do negro é uma constante, e, segundo Gilberto Freyre, "a formação brasileira foi beneficiada pelo melhor da cultura negra na África". Saliente-se ainda a extrema facilidade de adaptação do negro, apropriando-se de fatos diversos conferindo-lhes o seu estilo, tornando-os coisas suas.

O sincretismo religioso, tão bem analisado por Waldemar Valente, foi possível graças à maleabilidade do pensamento do negro escravo,

que para salvar o culto a seus deuses os substituiu por santos do calendário cristão. Renato Almeida ressalta que o sincretismo religioso é o mais evidente, mas não o único, pois, os negros, "não possuindo a língua que lhes permitisse narrar no original os seus contos, o contador ou contadora tinha de traduzi-los, mas essa tradução era uma adaptação, na qual iriam influir traços numerosos e variáveis com a psicologia, o ambiente, o meio de vida de cada qual. Por isso, acredito que apenas na análise temática-formal dos textos não teremos muitos elementos fundamentais das transformações de cada conto, se não ponderarmos os fatores humanos de transmissão e da aceitação coletiva".

O Folclore não é um patrimônio regional, pois ele é universal e aparece onde aparece o homem em coletividade. Muita coisa, no nosso Folclore nos veio da África, que por

sua vez recebeu muita coisa do Oriente. Também muita coisa que nos veio de Portugal não nasceu aí, mas do imenso reservatório da península ibérica. Assim Portugal e África foram caminhos do Folclore nascido nas antigas civilizações, sobretudo no que diz respeito às estórias, às lendas, à medicina, à magia.

É tão importante na cultura brasileira, no nosso modo de agir, de sentir, de ser, a influência negra que grandes antropólogos têm se dedicado ao estudo e à análise dessas influências. Num ponto todos são unânimes em afirmar: "Não há cultura negra no Brasil", mas a grande influência penetrando e fecundando nosso solo cultural com a marca inconfundível de sua presença, e tornando-se os descendentes africanos, não formadores de quistos na nossa cultura, mas autênticos brasileiros, como tão bem enfatiza Gilberto Freyre.

## Folgedos Populares

FOLGUEDOS POPULARES

viria a ser no Maracatu Elefante, morte (1962), quando o mesmo foi extinto".

Maracatu

"O maracatu é um dos aspectos mais pernambucanos do carnaval de Pernambuco; reminiscência dos antigos rituais do Congo. Vejam-se os cortejos formados à maneira dos primitivos. Todos os elementos. Do rei e da rainha aos vassallos. E mais a baliza, a boneca enfeitada, o embalador, conduzindo a bandeira de ricos bordados a linhas de ouro, as mulheres de branco, entre archeiros e luminárias".

Mauro Mota

... um grande chapéu de sol rodando sempre, no mínimo três cores e era adornado com franjas ou rendas, bem como todo circulado de espelhos, que luziam ao sol.

Os componentes do maracatu formam uma sociedade denominada Nação. Muitas nações foram famosas como: Nação do Elefante coroadado, Nação do Pavão Dourado, Nação do Leão Coroadado, etc., tendo algumas resistido até os nossos dias. Já de muito longe podia-se reconhecer o maracatu pelo estandarte carregado pelo porta-estandarte".

Ascenso Ferreira

Nascida no Recife, a 5 de março de 1877, Maria Júlia do Nascimento (Dona Santa), no ra em estatutos ela já mencionava a figura importante que Maracatu Elefante, até sua



Iniciando-se como rainha do Maracatu Leão Coroadado, ainda nesta agremiação, casou-se com João Vitorino e abdicou ao trono, para seguir o marido, escolhido e coroadado rei da Nação Elefante.

Apesar de reinar há bastante tempo, Dona Santa somente foi coroadada a 27 de fevereiro de 1947, muito embora em estatutos ela já mencionasse o tempo de duração do Maracatu Elefante, até sua

Maria Regina M. Batista e Silva

"O maracatu não é clube, é nação. (Ascenso Ferreira) isso explica suas origens: era, primitivamente, a escravaria africana que se reunia à porta de certas Igrejas, como as duas que o Recife tem, do Rosário dos Pretos, ali coroando soberanos negros fictícios, ou talvez reais, entre os trazidos no bojo dos navios negreiros para o Brasil. Os desfiles coreográficos de hoje, na época carnavalesca, derivam daí, como autênticas reminiscências de cortejo de sobas africanos". "Protegidos por um pálio, enorme guarda-sol, de franjas nas bordas e encimado por uma bola ou um crescente de aljófar, vêm o Rei e a Rainha, rodeados de "baianas" de saias brancas e "cabeções" de rendas. Adiante deles, a Dama do Passo, empunhando a sua "calunga" e fechando o préstito, o ensurdecador zabumba em que se misturam taróis, bombos, gonguês, ganzás, as vezes na linha de frente, surgem balizas, figuras de índios, algum Embalador evocando prisioneiros feitos pelos negros, a mando dos conquistadores. Não é raro que, abrindo passagem, venha alguma figura de animal sobre rodas — um elefante, por exemplo, como sucedia no maracatu Elefante, mais uma prova da ascendência africana".

Valdemar de Oliveira

Aqui Israel 76

Pela segunda vez, grupos artísticos de Israel visitaram o Recife e se apresentaram na Universidade Federal de Pernambuco.

O auditório da Escola de Engenharia esteve superlotado durante a apresentação do grupo "Aqui Israel 76", integrado por 13 jovens (amadores), entre 21 e 27 anos. Este conjunto já atuou em mais de 60 cidades dos Estados Unidos e do Canadá e agora se propõe a visitar todos os países da América do Sul. No Recife, apresentou-se no Teatro Santa Isabel, onde foi calorosamente aplaudido, precisamente no dia do 28º ano do Estado de Israel.

Na Universidade, por uma iniciativa do Departamento de Extensão Cultural, o conjunto repetiu o êxito de sua exibição no Santa Isabel. Do Recife seguiu a Salvador, Brasília, Belo Horizonte, Rio, S. Paulo, Curitiba e Porto Alegre, retornando aos Estados Unidos, como convidado oficial às comemorações da Independência daquele país em seu bi-centenário.

Os Integrantes

Natan Cohen, de 23 anos, compositor e cantor, é o diretor musical do Grupo; Guil Harlap, ex-integrante do Conjunto Musical da Força Aérea; Reuven Gvirtz, compositor, é membro do Kibutz Horshim; Vicente Pizarro, nascido na Espanha, sobressaindo-se entre os cantores por sua possante e belíssima voz, tendo tomado parte no famoso Festival da Eurovisão, representando a Espanha, antes de emigrar para Israel. Iosaf Ovash, pianista e guitarrista, nascido às margens do Mar da Galiléia, em Tiberíades. Ereita Barley e Gália Namir são cantoras. A primeira nasceu nos Estados Unidos e a outra, em Jerusalém.



Uri Tenenbaum, nascido na França, onde foi aluno de Marcel Marceau, o rei da pantomima, dominou o auditório com suas caracterizações de estorieta através de pantomimas, deliciou os 500 e tantos universitários que o aplaudiram delirantemente.

Israel e Jerusalém

Israel e Jerusalém, através de filmes coloridos, serviram de pano de fundo às apresentações dos cantos, das declamações e das pantomimas do "Aqui Israel 76". A apresentação foi iniciada com uma mensagem de amor, depois apresentaram "Ierushalaim", falando de Jerusalém, a cidade da paz, seguida de "Meal Pishat Har Hatzofim", cantada por Ereita Barley. Apresentaram também "Ein Guédi", representando a conquista do deserto pelo homem, e canções dos Hassidim, homens dotados de muita fé.

"Tumbalalaika", um dos números mais aplaudidos, "poutpourri" de canções em quatro idiomas que retrata os deveres do Kibutz e uma balada simbolizando o papel da mulher na construção de Israel. "Horas", a canção mais popular do país, encerrou o espetáculo.



LOURIVAL BATISTA considerado a Águia da poesia popular do Nordeste, ao lado de Otacilio Batista, Diniz Vitorino, Job Patriota e Severino Pinto, esteve recentemente no Recife, a convite do DECE, tendo feito uma apresentação no Ginásio de Esportes, mostrando o poder de sua poética e dos seus inteligentes improvisos.

## Subcomissão Pernambucana de Folclore \*

Com sede provisória na Diretoria de Documentação e Cultura, foi instalada a Subcomissão Pernambucana de Folclore, sob a presidência do agrônomo Getúlio Cesar, escolhido para secretário-geral por indicação do sociólogo Gilberto Freyre.

A Subcomissão Pernambucana de Folclore é um prolongamento, entre nós, da Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBCEC).

órgão nacional brasileiro da UNESCO, com sede no Rio de Janeiro, no palácio do Itamarati. Folcloristas como Gonçalves Fernandes, cônego Xavier Pedrosa, Valdemar Valente, Lula Cardoso Aires, Ascenso Ferreira, João e Raul Valença, Ariano Suassuna, e outros, já estão fazendo parte dessa Instituição.

\* Jornal do Commercio de 14.10.1948 — Arquivo do Prof. Valdemar Valente.

## Ficção nova de Eduardo Lucena

Nascido 24 de abril de 1955, em Recife, Eduardo Lucena estuda o 3.º ano de Direito da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco.

Escreveu uma peça de teatro, OS CÃES, representada simultaneamente no Teatro do Parque Recife, e em Niterói Rio de Janeiro, a última sob a direção de Otto Prado.

Publicou seu primeiro livro de contos, pela Editora Livros do Mundo Inteiro, Rio de Janeiro, em 1974, sob o título "A CASA DO ETERNO".

Eduardo Lucena tem dois livros de contos inéditos: O BONECO e FLORES ARTIFICIAIS. Está elaborando um romance, chamado MORREU SENTADA. Finalmente completou seu livro de poemas — NEFERNEFERNEFER.

Obteve uma Láurea no Concurso Eugênio COIMBRA JÚNIOR, em 1972 no Recife.

Eduardo Lucena revela-se, a cada dia, — entre as mais novas gerações como o seu ficcionista mais revelador, emprestando ao seu trabalho uma grande força expressional aliada a uma profunda captação da problemática humana, sobretudo em seus aspectos mais difíceis e inusitados.



**GILMAR SERRA DE ALBUQUERQUE**, nasceu no Recife, na Boa Vista, em 15/05/57. Cursando Filosofia pela UFPE, sua prosa é impregnada de grande dose de misticismo, de procedência cristã, que o identifica com certos movimentos espirituais da época, notadamente dos Estados Unidos.

## ESTRELA DE CRISTO

GILMAR SERRA DE ALBUQUERQUE



A todas as horas Jesus Cristo se mostra em todas as coisas a todas as horas

No amanhecer lá ele está, alvo, de ouro, luzindo, saindo da escuridão que é ele também. Na estrela fina que desaparece para dar lugar ao sol que acende os caminhos que esquentarão os pés

Ao meio dia ele tem fome e canta no bico de todos os pássaros. Ele é a água dos riachos e a doçura de todas as frutas. Ao entardecer ele está tão nobre, enorme Manchado de azul e contornado de fogo e ele vem forte no sopro dos ventos da noite que vem

Demora o entardecer... Sente-se o crepúsculo por todo o corpo, por toda a terra. As árvores cantam Os homens se banham cantando também Prepara-se o que jantar

A noite chega de maneira mais santa com Jesus Cristo envolto em mantos escuros ante o silêncio de todos os sons Os astros brilham e dança a madrugada Como é "estreita" a madrugada... É só a viagem de ares azuis Sereno Brisa envolta em ventos

Correndo... Correndo... por todos os pontos do céu A madrugada é um raio ao rompê-la por seu espaço sem fim

E assim a madrugada de Cristo passará e ele que não passa chegará no sol, na luz, nos cantos, nas promessas da manhã.

## O BONECO

— E se eu fosse um vilão, de que me serviria?

— De nada — responde, com um suspiro.

— Não, não é nada disso — falou ele, com um tom de impaciência na voz —, eu digo um vilão no sentido estritamente histórico: um sujeito acima do Servo e abaixo do Senhor...

Suas palavras ficaram soltas no ar. — Havia muitos miasmas naquela época, eu sei... Mas valeria a pena, só pelo fato de...

Estava ali, ele e sua contida miséria, que ia soltando aos poucos para o mundo e para os homens, como em forma de suspiros, claras gotas de suor a escorrer pelas fontes desoladas, frio horror — lâmina — ante as coisas palpáveis deste mundo que o rodeia.

O outro: intrigado com o jeito dele Por que parar aquela sentença no meio de?? Espanto. Se apercebera de que também havia parado.

O outro caminhou para ele, o rosto contorcido pela imensa dor de quem é. Com as mãos abertas, espalmadas no ar:

— Quantos sonhos não se espalham?, vindo bater no meio da tua cara?, e se espatifam como flores amarelas?

— Estás abandonado?

— Abandonado? Eu estou só. Dá no mesmo, não é? Sim, amigo, estou abandonado, podre por dentro, um horrível gosto de sal vai-me na alma. Abandonados estamos todos nós, implantados num corpo absurdo e limpinho — com ar de desespero e riso, risada louca de quem não tem mais nada a esperar —, bem limpinho...

Outro andava assustado. "Meu amigo está louco?", pensa.

— Eu sei que você está a pensar que ando louco.

Espanto.

— Pois é, estou. Não suporto mais esta tortura. Trago a nítida impressão

de que meus pensamentos corroem-me o cérebro.

— Não se desespere. Amanhã estará melhor.

— Amanhã, sempre amanhã! — com os dedos enfiados na fulva cabeleira — sempre temos outro dia para desesperarmos mais ainda.

O outro, dedo em riste e ar profético:

— Para total amargura das mentes luminosas, eles se esqueceram de pensar. Que podiam pensar. Deviam.

— Mas esqueceram. Agora você está vendo aonde eu quero chegar. Tudo acabou. Mortos; eles estão todos mortos. Caminham para lá e para cá, surdos, mudos e cegos. A Coisa venceu.

— A coisa? — a testa do outro ficou toda encruihada.

— Sim. A Coisa. Mas já não importam as explicações.

— Vamos tomar uma caninha?

— Você sabe que não podemos.

— "Querer é poder".

— Muito original. Você e seus pro-  
vérbios. Pois eu gostaria de ser homem.

Principalmente de... ser.

— Mas não pode.

— No entanto, eu quero.

— Paremos com esta ladainha, está bem?

— Foi você quem começou.

— Ontem eu vi uma velhinha, num desses caminhos que levam ao interior da floresta. A outra criatura devia ser sua filha. E a velhinha explicou, bem devagar, com uma estranha claridade na voz: "— Não suporto mais andar com esses sapatos para lá e para cá! Pinóia!"

— É. E nós não precisamos usar sapatos.

— Apesar disso, é uma pinóia. A vida que levamos é bem pior.

— Eu não acho. Dou-me por satisfeito assim mesmo. Do jeito que sou.

Uma breve pausa os interrompe.

Um automóvel, que puxa um "trailing", passa ao longe.

— Está vendo? Aí vêm os esquecidos.

De dentro do carro, uma menina de

cachos loiros — lindos olhos azuis — aponta para os dois, com um misto de alegria e susto:

— Papai, papai!, veja, são eles!

— Onde, filhinha?

— Ali, ali — e apontou com o dedo.

— Éita! Margarida! Olhe como são enormes! Depressa, vamos, antes que eles se assustem. Veja!

E dona Margarida, brasileira, casada, do lar, 45 anos (tão bem quista pela vizinhança), cadastrada em todos os bancos, repartições e coisas que tais, além de assaz frequentadora dos maiores supermercados enfeitadinhos de alfazema; dona Margarida limitou-se a um triste suspiro de indiferença.

— Estão olhando para nós — disse o outro.

— Que olhem. Você não percebe o tamanho do meu tédio?

— Você anda a medir o tédio também?

— Por que esta pergunta?

— É que o guarda florestal tem um relógio.

— E daí?

— Daí é que ele mede o tempo.

— E o seu tédio também.

— É verdade.

— Nunca pense — disse o outro —, isto não leva a nada. Melhor é viver de migalhas a pensar.

— Mas o negócio é que eu já aprendi. Para mim não há solução.

— Ora, ora, aprendeu? Pois agora desaprenda.

— Impossível. Pensar é uma eterna masturbação de que jamais nos vemos libertados.

— Pois eu sou livre? — exclamou o outro, muito ancho.

— No entanto, tens acompanhado a linha do Raciocínio desde o Início.

— Que quer você dizer com isto?

— Que você aprendeu a pensar também.

E os dois Ursos saíram, a cata de alimentos, em meio à Selva.

A menininha acena para as costas deles, um boneco entre as mãos.

## A linguagem poética de Marcus Accioly no cantoflor

MARIA CLEMENTINA LAPENDA

Reunindo "o velho com o novo", em termos de estruturas, Marcus Accioly, com seu livro — *Sisifo* — abre novas perspectivas no fazer poesia no Brasil. Publicado pela Editora Quíron/MEC, a obra, "poema do novo épico, talvez esteja destinada a ser a epopéia do nosso tempo, em língua portuguesa", conforme admite a crítica literária Nelly Novaes Coelho.

Com apenas 33 anos de idade, Marcus Accioly já publicou *Cancioneiro* (1968), *Nordestinados* (1971), através da Editora da Universidade Federal de Pernambuco, e *Xilografia* (1972) pela Editora de Pernambuco, nos quais o autor, em suas incursões pelo mundo rural, já antecipa a feição futura assumida "pela máquina da natureza e a natureza da máquina" em sua obra *Sisifo*.



### ORELHA DE SÍSIFO

Alimentado por uma alta e ambiciosa concepção de Poesia, o poeta pernambucano Marcus Accioly realiza em *SÍSIFO* uma nova e surpreendente sondagem poética: de sua poesia primeira, vitalmente ligada ao Romancelo Popular do Nordeste, passa ao canto que se quer voz da história-estória do homem-século XX, — o consciente herdeiro da cultura ocidental, hoje em plena metamorfose.

O húnus nordestino de sua poesia inicial, amalgamado com a mais pura herança clássica: a do Vergílio da terra (Geórgicas) funde-se agora com o outro Vergílio, o da guerra (Eneida) e nasce *SÍSIFO*, — símbolo do homem/poeta de hoje, vivente da guerra e do caos.

*Sisifo* é o homem/poeta que, através dos tempos, empurra a sua pedra (= vida/poema) montanha acima. Vem do mundo antigo e ingressa no caos/gênese do moderno. Porém este *Sisifo* contemporâneo não é vencido ao chegar ao topo. Sua pedra não cai. O mito é reinventado. *Sisifo* começa a empurrar para baixo do tempo o peso de sua pedra até atingir o início, a infância. E o futuro já se faz presente na redescoberta do homem, do mundo e da vida.

Poema do novo épico, *SÍSIFO* talvez esteja destinado a ser a epopéia do nosso tempo, em língua portuguesa, pois recebe em seu denso fluxo poético o desaguar das férteis águas da cultura ocidental Vergílio, Dante, Milton, Homero, Petrarca, Camões, Lorca, a Bíblia, Eliot, Nietzsche, Cícero, Jorge de Lima, Poesia Concreta, Rimbaud, Musset, Proust, Poesia Praxis Baudelaire, Camus, Joyce, Rilke, Byron, Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Fernando Pessoa... são alguns dos valores criadores incorporados por *SÍSIFO* em uma nova palavra poética.

Um roteiro de notas completa o volume e o revela como dos mais impressionantes exemplos do processo da intertextualidade, isto é, do confluír e refluir em seu fluxo poético da cultura literária de todos os tempos da qual o poeta se sabe herdeiro e continuador.

### CANTO FLOR

POEMA DE MARCUS ACCIOLY

1.º  
A rosa, aurora rubra,  
Nascendo aberta, acesa,  
Do lápis, flor sangrando  
Entre meus dedos, presa,  
Na folha limpa, flor  
Florindo sobre a mesa,  
E, para sempre, flor  
Dentro do tempo, acesa:

2.º  
A flor, manhã nascida  
De azul iluminada,  
Embora rubra, flor  
Sobre o papel plantada,  
Minando azul do lápis  
Flor floração florada  
Contrária à própria flor  
Sem flor e lume e nada

3.º  
A flor, um sol aberto  
Na primavera em flor,  
O sol o fogo o incêndio  
Da aurora rubra, a cor  
Vermelhazul da pétala  
Despetalando a dor  
De um sol, dentro do lápis,  
Incendiando a flor.

4.º  
A flor, canção marinha,  
Soprando a folha, mar  
Azul, dentro do lápis,  
Fazendo derramar  
Na folhareia, prala,  
Antes da flor florar  
Em vez da onda o pranto  
Lágrimizul do mar

5.º  
A flor, um sino dentro  
De um búzio, templo e mar,  
Um búzio azul marinho  
Na escuridão do mar,

E sobre a folha, a flor  
Querendo despertar  
A solidão das conchas  
Fechadas no alto mar

6.º  
A flor oculto pássaro,  
dentro do lápis preso,  
Abrindo o azul das asas  
Dentro da flor, aceso,  
Pousando sobre a folha  
Embora que sem peso,  
Para deixar o canto  
Dentro da folha, aceso

7.º  
A flor, aceso sonho  
Antes da flor florida  
Flor anteflor florando  
Dentro do azul da vida,  
Botão de flor, semente  
Que guarda a flor contida  
No sonho que se acende  
Dentro da flor da vida.

8.º  
A flor floral a rosa  
Chamada flor, o canto  
Florindo azul do lápis  
Embora sendo o pranto  
Do orvalho, água de flor,  
Lavando a folha, enquanto  
O olhar, em vez do sol,  
Acende a flor do canto

9.º  
A flor não-flora a ave  
Ante a manhã aberta,  
Com asas de palavras  
Da folha se liberta,  
E voa o canto, a flor  
De floração completa,  
Dentro do dia, pássaro  
Sobre a janela aberta.

O poema — *Cantoflor* — pertence ao 3.º canto — *Feira de Pássaros* — do livro *Nordestinados*, de Marcus Accioly.

O título, à primeira vista, pode parecer com o canto da flor, uma espécie de antívoz, ou da matéria muda. Trata-se, porém, do canto como flor, ou seja, a tessitura da flor é a mesma do poema ou a textura do poema é a mesma da flor.

O canto apresenta-se em nove estrofes, com oitavas de seis sílabas. O sistema regular de rimas se estabelece entre o 2.º, o 4.º, o 6.º e o 8.º verso, alternadamente. Sempre uma das palavras rima, propositadamente, se repete, deixando, portanto, apenas três rimas para as quatro palavras rimadas no final dos versos. Obedecendo tal critério podemos dividir o poema em três partes: a primeira até a quarta estrofe, a segunda até a sétima estrofe e, finalmente, a terceira parte até a nona e última estrofe.

PRIMEIRA PARTE  
ACESA/ILUMINADA/FLOR/MAR — segunda rima  
ACESA/ILUMINADA/FLOR/MAR — oitava rima

SEGUNDA PARTE  
MAR/ACESO/VIDA — quarta rima  
MAR/ACESO/VIDA — oitava rima

TERCEIRA PARTE  
CANTO/ABERTO — segunda rima  
CANTO/ABERTO — oitava rima

#### A ESSENCIA DO POEMA:

A análise minuciosa da primeira estrofe pode revelar a essência do poema:

A rosa, aurora rubra,  
Nascendo aberta, acesa  
Do lápis, flor sangrando  
Entre meus dedos, presa,  
Na folha limpa, flor  
Florindo sobre a mesa,  
E, para sempre, flor  
Dentro do tempo acesa

Observamos que "a rosa, aurora rubra" nasce "aberta", e "acesa do lápis". O tom é

velho aceso, rubro, sangrando. Dir-se-ia que a rosa aurora nasce do lápis do poeta? Sim. Esta é sua construção e intenção: a flor florindo do lápis. Mas que espécie de lápis faz a flor vermelha, a flor que sangra entre os dedos do poeta, a flor presa na folha limpa, a flor florindo sobre a mesa, a flor acesa dentro do tempo? Saltemos para a segunda estrofe:

A flor, manhã nascida  
De azul iluminada,  
Embora rubra, flor  
Sobre o papel plantada,  
Minando azul do lápis  
Flor floração florada  
Contrária à própria flor  
Sem flor e lume e nada

"A flor, manhã nascida/De azul iluminada" é também uma rubra flor. Encontramos nas estrofes seguintes expressões como "a cor Vermelhazul da pétala" "mar/azul dentro do lápis", "Lágrimizul do mar", "Um búzio azul marinho", "Dentro do azul da vida", "Florindo azul do lápis".

#### O VERMELHAZUL DENTRO DO POEMA

Qual o seu significado? O poeta escreve com um lápis azul (A flor, manhã nascida/De azul iluminada) porém o ofício do canto é doloroso e, portanto, rubro (Embora rubra, flor). A flor de tessitura azul é vermelha, e, dado a sua luz, tem uma cor vermelhazul acesa.

Seguindo tal análise, sabemos que o poeta escreve de manhã e com a folha sobre a mesa constrói o canto flor. A folha é "folha limpa", "folhareia", e o canto que se revela é também anterior e oculto "mar/Dentro do lápis, um sino dentro, oculto pássaro, aceso sonho".

Antes da flor é o "sonho aceso", depois tudo mina do lápis, tudo aflora e flora, nasce e incendeia o papel, lavando-o como o pranto do orvalho ou o próprio pranto, "água de flor".

Continuação da Página 2

A LINGUAGEM POÉTICA...

SÍMBOLOS



A rosa/flor aparece comparada com inúmeros símbolos:

rosa/canção: acesa — sonho — ave.  
acesa = aurora, manhã iluminada, sol aberto.  
sonho = semente, botão em flor.  
ave = pássaro oculto.

A rosa/flor, comparada aos inúmeros símbolos, repete três destes símbolos comparativamente:

aurora/manhã  
flor/rosa  
pássaro/ave

Todos, porém, estão ligados pelo mesmo elemento e pela mesma clareza dos outros quatro:

sol/canção/sino/sonho

Não há diferença entre:

aurora/manhã/sol.

Sino dentro (5.ª estrofe, 1.º verso) corresponde ao aceso sonho (7.ª estrofe 1.º verso) e à canção marinha (4.ª estrofe 1.º verso).

FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM:

Segundo o princípio de equivalência de Jakobson, pela qual a mensagem se volta para si própria, tornando-se multissignificativa, temos no plano fônico: assonâncias, aliterações, colitarações e anagramatismos; no plano do conteúdo há metáforas, prosopopéias.

O anagramatismo às vezes é imperfeito e às vezes perfeito, como nos sintagmas:

flor contida... flor da vida... (7.ª estrofe) — florida e lume e nada (2.ª estrofe) — iluminada

As aliterações e colitarações são abundantes em todo o poema (principalmente com respeito às consoantes líquidas).

- 1.ª estrofe — "Na folha limpa, flor/Florindo sobre a mesa"
- 2.ª estrofe — "Sobre o papel plantada"
- 2.ª estrofe — "Contrária à própria flor"
- 6.ª estrofe — "Abrindo o azul das asas"
- 7.ª estrofe — "Dentro do azul da vida"

A título de curiosidade, a abundância dos fonemas líquidos se vê pela seguintes estatística:

vibrante simples (61)  
lateral alveolar (64)  
lateral palatal (11)

Aqui podemos incluir 12 casos de vibrante final, seguida de vogal inicial de palavra.

Deixamos, contudo, de incluir 6 casos de r múltiplo e 36 casos de r finais de sílabas (geralmente sujeitos a neutralização), os quais, no Brasil, normalmente se pronunciam sem vibração. Também deixamos de incluir a lateral final de sílaba, que, no Brasil, geralmente, se vocaliza na lábio velar.

PLANO E CONTEÚDO:

Metáforas: A rosa, aurora rubra, (est. 1.ª) A flor, um sol aberto (3.ª est.), A flor, um sino dentro/De um búzio, templo e lar, (5.ª est.) Com asas de lavras (9.ª est.) etc...

Prosopopéia: "flor fazendo derramar o pranto", "fazendo despertar a solidão das conchas" "flor sangrando" etc...

ESTRUTURA DO POEMA:

O poema, quanto à estrutura, é moderníssimo, pois, não somente tende às vanguardas literárias, como às próprias conclu-

sões e soluções do autor. No último verso da segunda estrofe, encontramos:

Sem flor e lume e nada

A flor sem lume e nada é a flor iluminada (e-lume-e-nada). Tal recurso próprio da poesia praxis, tanto pode fragmentar como construir a palavra ou outras palavras. Depois temos "flor floração florada", onde as três palavras (segunda estrofe, sexto verso) não se separam por vírgulas: floração = flor ação e florada = flor ourada ou flor de ouro. Eis a ação da flor ou o seu ouro de palavra. Na terceira estrofe, quinto verso, "Lágrima-zul" (lágrima + azul).

Descendo a quinta estrofe, terceiro verso, temos a palavra "marinho" uma espécie de hino do mar. Sua correspondência está na oitava estrofe, terceiro verso, "Florhino (hino + flor)". Na oitava estrofe, verso primeiro, a palavra "floral" também pode corresponder à flor oral, assim como a "folharia" corresponde à praia-página.

O canto se abre com a aurora, a manhã, o sol. Sobre a sua canção (marinha) na folha do mar onde, do lápis, se derrama na folha da areia, ou seja, a onda azul da caneta sobre a folha branca, limpa, do papel. Tal flor não é muda, pois é um sino dentro de um búzio que, saltando do mar na praia, novamente tenta despertar a solidão das conchas fechadas no ato mar. Às vezes ela se oculta, pássaro, dentro do lápis de onde abre as asas azuis dentro da própria flor que é ele, e pausa, sem peso, na página onde deixa o seu cantoflor. Antes, porém, ele é anteflor dentro da vida (azul) botão, semente "Que guarda a flor contida/No sonho que se acende/Dentro do azul da vida"

Na última estrofe, surge a flor "não-flor". Aqui o poeta que havia previsto a flor antes de ser flor (botão e semente) faz a sua previsão para o depois, quando já não será flor sobre a folha, pois "Com asas de palavras" se liberta e voa, agora canto de floração completa, o que faz lembrar, subjetivamente, flor ação-poeta e, antes pássaro preso ao lápis, torna-se pássaro no ar, livre dentro do dia, além da folha e da mesa, sobre a janela aberta para o mundo:

E voa o canto, a flor  
De floração completa,  
Dentro do dia, pássaro,  
Sobre a janela aberta.

Deste vôo nem o poeta consegue segurar o canto que já não pertence ao sonho anterior, nem ao lápis azul (cuja dor é a pétala vermelha: "despetalando a dor") nem à folha-página, folharia, porque, acesa pelo olhar do autor ou da sua autocrítica, em vez do olhar do sol, ele, o canto, não mais pertence a nada, porque pertence a tudo, como um pássaro que é de todos e não está na mão de ninguém.

Mas esta última estrofe indica oposição a todas as anteriores, porque nestas está contida a idéia extratemporal da flor, flor abstrata, flor botão, flor símbolo; na nona estrofe a efemeridade da flor aparece.

Trata-se agora de uma flor concreta, desabrochada e que, por ser efêmera, já se considera não flor, já contém em si a propensão para perder o seu valor de flor. E são as palavras mesmas da poesia que confirmam esta oposição, tais como:

- 1.ª estrofe — "para sempre/flor dentro do tempo, acesa"
- 2.ª estrofe — "Flor floração florada/Contrária à própria flor/ Sem flor e lume e nada"

E como flor símbolo, não sujeita ao tempo, temos:

flor sonho, flor da vida, flor símbolo de dor e de pranto,  
flor canção, flor pássaro, flor anteflor, semente que guarda a flor

A oposição ainda se destaca no emprego das formas verbais: nas oito estrofes primeiras, só aparecem formas nominais do verbo, também elas não são subordinadas ao tempo. E as poucas formas finitas existentes se encontram em orações dependentes, portanto, essencialmente incompletas:

- 1.ª estrofe — "Nascendo aberta, acesa, sangrando, presa, florindo.
- 2.ª estrofe — nascida iluminada, plantada
- 3.ª estrofe — despetalando, incendiando.
- 4.ª estrofe — soprando, fazendo derramar, antes da flor florar.
- 5.ª estrofe — querendo despertar
- 6.ª estrofe — abrindo o azul das asas... Pousando sobre a folha... Para deixar o canto/Dentro da folha aceso.
- 7.ª estrofe — florando... semente/Que guarda a flor contida/ No sonho que se acende.
- 8.ª estrofe — Embora sendo o pranto... Lavando a folha... Enquanto o olhar acende.

Nessas estrofes, a flor ainda não se encontra realizada como uma flor completa: somente na nova estrofe, a flor se completa: aparecem, então as formas verbais finitas, indicando um processo de aspecto puntual, que caracteriza a efemeridade da flor.

\* Trabalho apresentado no Curso de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, cadeira de Teoria Literária, Prof. César Leal

## "O ANJO MALAQUIAS": POEMA METAFÍSICO?

ARMINDO TREVISAN

Há poetas que não só nascem poetas ("orator fit"), como ainda nascem para gozar dos favores da atenção pública. São poetas que chegam a ser amados antes de ser (inteiramente) compreendidos. Pode-se dizer que Mário Quintana é um deles. Sua poesia é daquelas que penetram nas veias, alojam-se no coração e na memória, e acabam emergindo à flor da conversação diária. Drummond, igualmente, atingiu esse tipo de "publicidade": "Perdi o bonde e a esperança", "E agora, José?"; pedaços de conversas ou versos avulsos? Semelhante familiaridade dificulta o acesso de muitos leitores às verdadeiras profundidades de inteligência e sensibilidade que os poemas encobrem. O leitor deixa-se ficar, deliciosamente, no território evidente do poeta; esquece que este pode reservar-lhe surpresas mais gratificantes.

Considero exemplo típico de leitura imediata o poema de Mário Quintana: "O Anjo Malaquias" (1). Malaquias, o simpático pobre-diabo, transformado em pobre-anjo, num passe de mágica maravilhosamente chaplinesco, é, não raro, folclorizado. O aspecto folclórico existe no poema, a começar pelo Ogre, ou Bicho-Papão, que está para devorar o Inocentinho, "com esse exagerado ar de ferocidade que os monstros gostam de aparentar, por esporte". Acontece, também, que o humor peculiar de Quintana serve para distrair o leitor da verdadeira realidade, subjacente à estória; a realidade, porém, é que esta estória é uma parábola, ou seja, uma transposição. Ao leitor, a tarefa de encontrar-lhe a chave. Que chave? Não cabe ao poeta filosofar, ofício sofisticadíssimo; limita-se ele a "filosofar" como razão de vida ou ofício natural. Faz isso utilizando o método oriental da parábola, como o empregou Cristo que, segundo Richard Gutzwiller deixou acima de 70 parábolas: "Tudo torna-se palavra visível através da qual o Deus invisível fala ao homem. É assim que o invisível se torna visível e Aquele, que não pode ser ouvido, torna-se audível. O Incomparável deixa-se conhecer pela comparação". (2)

Voltemos ao Anjo Malaquias. Quintana exhibe os detalhes tragicômicos da cena: lá está o Inocentinho, "tão piquininho e rechonchudo, pelado, a barriguinha pra baixo, na tocante posição de certos retratos da primeira infância..." Com efeito, o milagre há de eclodir no meio desses acessórios; por ser um anestésico da sensibilidade, o humor propõe-se escamotear a reação emocional do leitor. E quando interfere Nossa Senhora: o pobre-diabo-anjo sai voando céu em fora, aliás, janela em fora, "pelo ar atônito". Só que o próprio prodígio terá de adotar o tom galhofeiro da estória: "Dada, porém, a urgência da operação, as asinhas brotaram-lhe apressadamente na bunda, em vez de ser um pouco mais acima, atrás dos ombros. Pois quem nasceu para mártir, nem mesmo a Mãe de Deus lhe vale!" Nesta exclamação final do poeta não se ocultará o "abre-te sésamo" do poema? O poeta é um fingidor (um ficcionista... disse-o magistralmente Fernando Pessoa) e finge que o leitor não é o pobre-diabo-anjo Malaquias, apresentando o Inocentinho, que voa "em esquadro", "de cabeça para baixo", como se fosse um ser de exceção. Eis aí a malícia metafísica do feiticeiro: para despistar o leitor (quantos se conhecem a si mesmos, socraticamente, a ponto de o admitirem?), o poeta recorre às modalidades anedóticas do homem fracassado: o sujeito que, "no dia do ordenado, está jogando os sapatos dos filhos, o vestido da mulher e a conta do vendedor"; "a mundana que pinta o seu rosto de ídolo..."; "o empregadinho em falta que sente as palavras de emergência fugirem-lhe como cabelos de afogado..."; "o orador que pára em meio de uma frase..."; "o tenor que dá, de súbito, uma nota em falso...". Todos esses, mas somente esses, "escutam, no seu imenso desamparo, o choro agudo do Anjo Malaquias!" A malícia do poeta, contudo, não poupa o leitor seguro de si, "alienado", repleto de auto-estima: "E quantas vezes um de nós, ao levar o copo ao lábio, interrompe o gesto e empalidece... — O Anjo! O Anjo Malaquias! — ... E então, pra disfarçar, a gente faz literatura... e diz aos amigos que foi apenas uma folha morta que se desprende... ou que um pneu estourou, longe... na estrela Aldebarán..."

Há qualquer coisa de socrático, ou de prosaicamente "bíblico", nesta página de Quintana. Uma espécie de parábola sobre a humildade, sobre a necessidade de "converter-se" para entrar, não já no Reino do Céu, mas simplesmente no Reino dos Homens. Sem ênfase, sem se dar ares, Quintana converte em "Mito" a grande verdade filosófica da "contingência do ser", na expressão clássica da filosofia cristã; ou a noção de "échec", comum a todo o Existencialismo, tanto ateu como cristão. Jaspers declarou: "O fracasso é o fim supremo". Heidegger faz apelo à "culpa", ao "abandono"; Sartre refere-se à "paixão inútil" da existência humana. (3) Porém é Fernando Pessoa quem, numa linguagem contundente, expressa melhor esse estado de alma: "Nunca conheci quem tivesse levado porrada. — Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo. — (...) — Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil? — Ó príncipes, meus irmãos".

É preciso visitar Quintana.

Notas

- 1) Cf. "Sapato Florido", in: "Poesias". Porto Alegre, Editora Globo/MEC, 1972, p. 105-106; "Antologia Poética". Rio, Editora do Autor, 1966, p. 77-78.
- 2) "Le Royaume de Dieu est Semblable". Paris-Tournai, Éditions Salvator-Mulhouse, 1965, p. 11.
- 3) Cf. I. M. Bochenski: "A Filosofia Contemporânea Ocidental". S. Paulo, Ed. Heder, 1962, p. 151-187.

## Lucila Nogueira: uma poética em ascensão



Grande poetisa entre as novíssimas gerações brasileiras, — poetisa e não poeta, como queria Manuel Bandeira, no seu trato com as damas que escreviam versos — Lucila Nogueira vem, dia a dia, imprimindo um tratamento orgânico à sua criação poética, assinalada, de

maneira profunda, por uma preocupação mística que lhe dá um código próprio como poetisa além de situá-la entre aqueles que, em diversas épocas, preocuparam-se em oferecer uma direção vertical para a Vida e, através dela, para a Arte.

### A S C E S E

LUCILA NOGUEIRA

Dançaremos no ar, como estrelas em leque a cadência do fogo irradiada nas vestes.

Nossos pés não de ser as raízes sidéreas onde as aves virão procurar novo néctar.

Nossos lábios, qual búzios de vagas celestes transparentes, febris, lembrarão áureos sinos milagrosos, gigantes. E os nossos cabelos como fontes luzentes susterrão o arco-íris: incessante diadema incrustado no tempo.

Estes corpos feridos (chaves descobertas) não de girar em êxtase (espiral-promessa) enlaçando na luz os destinos secretos ascendendo qual naves ou escada movente de degraus imantados no império supremo.

Guardiões do universo, arderemos libertos como raios insones, como lâmpada eterna.

## Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

A arte, e especialmente a literatura, ao longo dos tempos, veio perdendo não somente sua vinculação com a Ética, mas sua estética passou a representar uma oposição à vida, a ponto de ter criada uma imagem inteiramente enferma do artista que foi obra apenas de alguns poucos séculos, em dissonância com o papel desempenhado pelo poeta, ao lado dos outros homens, em outras civilizações diferentes da que herdamos dos gregos e dos romanos. O mais grave de tudo foi, por consequência, a íntima perda de objetividade e a inutilidade, não no antigo sentido filosófico de coisa separada da esfera pragmática, mas inutilidade como despojamento de seu próprio fim que é elevar o homem à contemplação da Beleza e, através dela à da Verdade: as duas ordens representando simplesmente a dupla face da mesma Realidade, e esta identificando-se com o Absoluto, impresso no Homem como seu fim último e para o qual deveriam, por intermédio dele, serem encaminhadas todas as coisas. Porque a perda de objetividade em qualquer esfera há de inexoravelmente voltar-se contra o próprio homem: e daí a crise operada no seu próprio cerne ontológico como resultado do desgaste verificado no núcleo mesmo da palavra como realidade portadora de conteúdo intrínseco e substancial, criada que foi para designar o sentido de todas as coisas. O épico desapareceu, então, dissolvido em outros gêneros, e o lírico, confinado a um mundo cada vez mais estreito, terminou por negar-se a si mesmo, por opor-se como lirismo, até chegar a constituir-se numa interjeição isolada entre outras interjeições igualmente destituídas de caráter, de significação e de valor.

Em recente estudo publicado na revista norte-americana *Diálogo*, sobre a poetisa Sylvia Plath, intitulado "O Poeta, seu Eu e a Natureza", a escritora Joyce Carol Oates assim começa: "O Culto de Sylvia Plath,

que se suicidou em 1963, aos trinta anos, insiste em afirmar que ela é uma santa mártir; ela é algo menos dramático do que isso, porém mais valioso: uma figura cuja tragédia é clássica, o resultado de uma visão limitada que se acreditou um espelho apresentado à Natureza. Este ensaio é uma tentativa de analisar Sylvia Plath, em termos de sua significação cultural, e de diagnosticar alguns aspectos patológicos da nossa era, através de sua poesia". A autora, depois de demonstrar que de um ego separado dos outros e da Natureza — opondo-se aos outros e à Natureza e, finalmente, se resolvendo contra si mesmo — só se terá como conclusão o silêncio na arte e o suicídio na vida, e discorrendo em seguida, sobre os riscos da poesia lírica, chega a estas afirmações: "Talvez não tenha sido somente a posição de Sylvia Plath no final de uma tradição antes vigorosa, nem as circunstâncias de sua própria vida infeliz, que a condenaram junto com sua poesia, à dissolução prematura, mas algo na própria natureza da poesia lírica. Que dizer dessa curiosa forma de arte, que se encerra no poeta? Se ele for imaturo, o que poderá cantar além de sua própria imaturidade? A que tarefa poderá dedicar a imaginação senão a uma relação de imagens engenhosas para ilustrar essa imaturidade?" E continua: "O risco da poesia lírica é sua disponibilidade para a imaginação precoce, suas recompensas imediatas em termos de habilidade técnica, que depois hipnotizam o poeta, fazendo-o acreditar que realizou o máximo na vida e na sua arte. Quão rapidamente esses quinze centímetros de obra-prima atraíam seus criadores! Os primeiros sucessos, baseados num auto-exame cruel, exigem a repetição da habilidade poética mesmo quando os dramas psicológicos originais estejam ultrapassados ou extintos, já que o poeta lírico é levado a prescrever a própria alma e a escrever: por tradição, só fala dele mesmo".

## OS DICIONÁRIOS — ESSES DESCONHECIDOS

MANOEL NETO

Dos dicionários se tem dito pouco, muito pouco mesmo. Não obstante a imensa contribuição que eles nos oferecem no campo da comunicação humana.

Quantas vezes deixamos de expressar (os que não os possuem, é claro) idéias, falando ou escrevendo, à falta de uma palavra-chave!

É vez de fazer justiça ao trabalho — que é ao mesmo tempo intelectual, científico, artesanal, de pesquisa — elaborado pelos lexicógrafos. Anatole France considerava o dicionário "o livro por excelência".

Fazer um dicionário não é tarefa fácil, tampouco pode ser da noite para o dia. Chega, na maioria das vezes, a consumir toda uma existência. E, para não fugir à regra, a retribuição — quando há — manifesta-se insignificante.

O mestre Aurélio Buarque de Holanda lembra, a propósito no prefácio à sua mais recente e monumental obra — *Novo Dicionário Aurélio* —, o caso dos três organizadores do *Dicionário da Língua Portuguesa*. (1793) da Academia das Ciências de Lisboa, "o qual, sabe-se, parou na letra A, em azurrar, fato glosado pelo sarcasmo de Herculano em uma de suas *Lenda e Narrativas*.

Desses acadêmicos, um, José da Fonseca, morreu, segundo Ramalho Ortigão, "de lentas e dolorosas enfermidades contraídas nas vigílias da mais opressiva tarefa", e Bartolomeu Inácio Jorge e Agostinho José da Costa Macedo, os outros dois, ficaram cegos. O público, esse lhes deu "o mais ingrato esquecimento"; e a Academia ofereceu a cada um dos três mártires da lexicografia — "como suprema e única remuneração de sua inglória fadiga" — um exemplar do *Dicionário*.

Melhor compreendem o que representam os dicionários, os que sabem amar a sua língua, o instrumento de comunicação do seu povo. Neste aspecto, é oportuno lembrar o exemplo do poeta Léo Larguier, manifestado pouco tempo antes de sua morte: queria que lhe pusessem no caixão "um gordo dicionário cheio das palavras francesas que tanto amou".

Dá-se o contrário entre os brasileiros. Por conta de uma série de fatores, liga-se cada vez menos para o Português. Nas cidades grandes do nosso País, proliferam os cursos de línguas estrangeiras, sem que haja qualquer obrigatoriedade oficial para a inclusão, como condição sine qua non, ao funcionamento desses cursos, do ensino do Português. Os Professores, enquanto badalam em inglês, francês, etc., são aceitáveis. Mas na hora da tradução, é uma verdadeira calamidade: escrevem "anализam" (com z mesmo no lugar do s), "intinerário" (acrescentando, por conta da própria ignorância, o n depois do i inicial), entre outras bobagens.

A legislação, ao que se nota, confere essa abertura, posto que não estabelece certas exigências para o ensino de línguas, o que enseja inclusive exploração comercial, ou

seja, determinados cursos de línguas estrangeiras buscam em primeiro lugar auferir lucros financeiros, deixando em segundo plano o aspecto pedagógico. O ensino de línguas é uma necessidade. Não deve entretanto prescindir de critérios capazes de abolir essa perniciosa inversão de valores.

Por conta dessa lacuna, resulta, pois, a indiferença ao ensino do Português. O povo, mal orientado, fica, logicamente, desmotivado para o falar e escrever corretamente, à falta de uma melhor orientação (quem se lembra haver recebido, nos bons tempos da escola primária, de ginásio, explanação sobre a utilidade dos dicionários?). Então, o que dizer dos dicionários, nesse contexto? Permanecem, obviamente, como eternos desconhecidos.

Falta-nos, por conseguinte, o hábito da consulta (consulta para quê, se escrever atualmente, é tarefa de somenos importância?) interrogaria alguém em tom de crítica. Cabal é o exemplo dos vestibulares: como última pá de terra excluíram a redação da prova de língua portuguesa. Melhor não poderia ser como induzimento ao desamor à língua.

Já é tempo de se demover tais obstáculos, fixando, principalmente no âmbito dos estabelecimentos de ensino, uma orientação no sentido de estimular os jovens quanto ao uso freqüente do dicionário. Ao contrário do que concebem alguns, a consulta ao "pai-dos-burros" não é demérito, tampouco burrice; antes reflete amor à língua, obediência ao falar e escrever corretamente.

É preciso que se diga, ainda, que o trabalho dos dicionaristas, (como se não bastasse o muitíssimo que já nos oferece no campo da lexicografia) credencia-se a um só tempo como um veículo abalizado de divulgação, através do qual o leitor comum, brasileiro ou estrangeiro, pode inteirar-se da riqueza em matices regionais do Português falado no Brasil, tomando conhecimento de quantos objetos, bichos, hábitos, costumes, tradições têm nomes diferentes nas diversas regiões do País.

Com o trabalho de Aurélio Buarque de Holanda, iniciado a partir do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, por ele revisado e ampliado, encarregado que fora da parte de brasileirismos e da redação em geral, foram incorporados ao léxico nacional muitos verbetes novos, dando-se a mesma atenção ao falar do povo, à linguagem de jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, aos linguajares diversos — regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, gíriescos, etc., conforme lembra o próprio autor.

Deixa de ser, pois, uma obra destinada apenas a consultas rápidas: é ao mesmo tempo um livro que oferece um conteúdo histórico, científico, cultural e informativo. Logo, a leitura dos dicionários impõe-se como leitura mesmo, agradável sobremaneira aos que sabem amar a sua língua.

## A META COMUNICAÇÃO E A LITERATURA



O Professor WILSON GUARANY, uma autoridade brasileira em Semiótica, esteve no Recife na condição de coordenador do IX Seminário Brasileiro de Linguística, realizado este mês, em Porto Alegre, afirmou que "a cultura brasileira em termos de massa, acha-se subordinada a um esquema de Ritschização violenta", referindo-se à simplificação comunicacional instaurada.

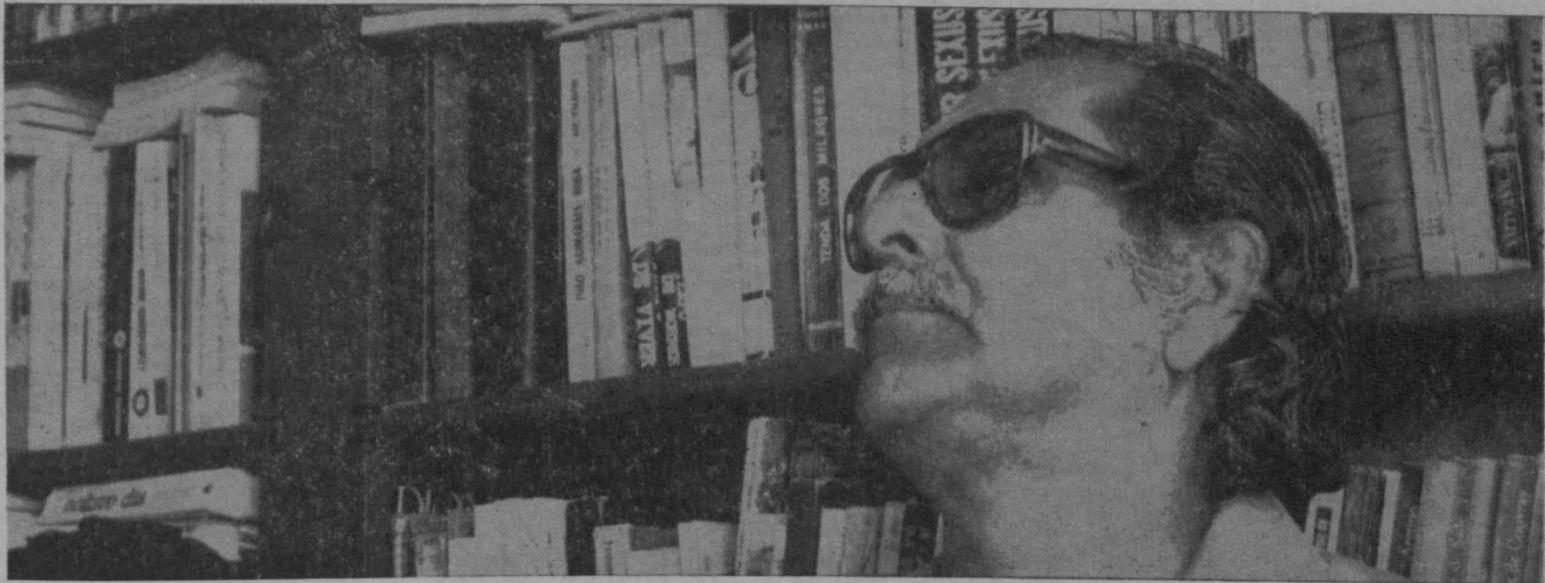
Em seu livro "META COMUNICAÇÃO", analisa os diversos processos de comunicação, particularmente enfatizando a retórica pública, e culmina nos princípios da comunicação literária. O Prof. Wilson Guarany em META COMUNICAÇÃO, apresenta uma contribuição importante no campo da Semiótica, acrescentando-se aos estudos dessa nova ciência.

O autor pronunciou, na sua estada no Recife, conferência para professores e alunos do Mestrado de Letras da UFPE, a convite do Prof. César Leal, que representou a Universidade no CONGRESSO DE LINGÜÍSTICA de Porto Alegre na condição de um de seus conferencistas.

Hermilo Borba Filho foi muitas vezes considerado um autor maldito. Imposto por certos críticos brasileiros, que nele viam um correto discípulo do americano Henry Miller, o rótulo **autor maldito** vinha tão somente confirmar a preguiça daqueles que, incapazes de um maior esforço mental, adotam inocentemente, para julgar a tudo e a todos, a famigerada lei do menor esforço.

Mas Leandro Konder, porém, viu o pernambucano de maneira bem diversa. Para ele, a diferença fundamental entre Hermilo e Miller é que o primeiro, eternamente preocupado com a sorte da espécie **Homem** sobre o planeta, escrevia como um escritor político, construtivo, voltado para o social, enquanto o segundo se caracteriza pelo anarquismo.

## Hermilo não aceitava rótulo de autor maldito



De fato, Hermilo mesmo não aceitava o rótulo de autor maldito. "Maldito por que?", perguntava ele. "Porque dou ênfase ao sexo como força dominante no homem? Porque saliento a importância da liberdade, bem maior? Porque dissecó o caráter do homem? Se isto é ser maldito, então, afinal de contas, malditos são todos aqueles que se preocupam com as dores e as angústias do homem".

### Origens aristocráticas

Nascido em Palmares, interior de Pernambuco, em julho de 1917, Hermilo Borba Filho, falecido nos inícios de junho do corrente ano, sem sequer conseguir completar 59 anos, foi acima de tudo, escritor. E, como escritor, ele gostaria de ter contribuído beneficentemente para mudar muita coisa na natureza humana. Não conseguiu, contudo. Mas isto não significa nenhum demérito para Hermilo, pois a já longa e sempre combativa tradição social da ficção, onde ele vinha se afirmando, foi quase sempre impotente em face de um mundo cruel, injusto e desumano. Filho de um senhor-de-engenho, nunca se aproveitou de suas origens aristocráticas para relegar a segundo plano a vasta gama de atribuições que assoberbam os socialmente menos favorecidos. "Sou um homem do meu tempo, com as dores e as alegrias da minha época. Sou um romancista comprometido com o homem, com o bem e o mal, com as misérias do homem", disse, certa vez, numa entrevista.

cráticas para relegar a segundo plano a vasta gama de atribuições que assoberbam os socialmente menos favorecidos. "Sou um homem do meu tempo, com as dores e as alegrias da minha época. Sou um romancista comprometido com o homem, com o bem e o mal, com as misérias do homem", disse, certa vez, numa entrevista.

### "Parasita do folclore"

Por outro lado, Hermilo nunca esteve interessado em ser meramente um folclorista. Em relação aos seus romances, às suas peças, os temas do folclore não serviam senão como ponto de partida. "Sou um parasita do folclore", chegou a dizer, "o folclore só me interessa na medida em que posso recriá-lo no meu romance, no meu teatro. E, a rigor, dentro do folclore — que nem folclore é! —, só me interesse pelos espetáculos dramáticos populares". Ele tinha intenções de escrever um ensaio para provar que o Bumba-Meu-Boi, o Pastoril, o Fandango e o Mamulengo — espetáculos essencialmente dramáticos — são nada mais nada menos que teatro popular, provenientes de uma tradição que remonta à Comédia Grega, passando pelas atelenas, Plauto, comedia dell'arte, etc.

venientes de uma tradição que remonta à Comédia Grega, passando pelas atelenas, Plauto, comedia dell'arte, etc.

### Cortadores de cana e teatro

Dos canaviais de Palmares, onde a convivência com os humildes cortadores de cana o marcou profundamente, Hermilo se mudou para o Recife. Aqui, em 1946, ainda como estudante na Faculdade de Direito, descobriu as imensas potencialidades do teatro. Disposto a encorajar as vocações teatrais entre os universitários da cidade, fundou o Teatro dos Estudantes de Pernambuco. Em seguida, juntamente com Ariano Suassuna, seu grande amigo, criou o hoje extinto Teatro Popular do Nordeste. Escreveu algumas peças (das quais a mais famosa é *A Barca de Ouro*) e vários ensaios sobre teatro, obtendo, ainda, prêmios de direção por trabalhos apresentados em São Paulo e no Rio.

### Compêndio de civismo

Mas, em 1957, Hermilo publica *Caminhos*

da *Soldão*, romance de ambientação rural que funciona como marco inicial de sua curta mas fértil carreira como ficcionista. Tinha 40 anos. E, nos últimos quatro anos, a crítica especializada não se cansava de incluí-lo entre os mais importantes autores da moderna literatura latino-americana. Seus livros *O General Está Pintando*, *Agá e Sete Dias a Cavalo* foram lidos por milhares de leitores pelo Brasil afora, e o mesmo deverá ocorrer com *As Meninas do Sobrado* e *Os Ambulantes de Deus*, a serem lançados ainda este ano.

Hermilo era pai de quatro filhos. Ao morrer, deixa inconcluso o livro que queria dedicar a seus oito netos e quatro sobrinhos: *História para Netos*, que ele encarava como sendo "um compêndio de civismo para a infância brasileira".

Hermilo Borba Filho era professor de História do Espetáculo no Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco. Foi um dos fundadores do JORNAL UNIVERSITÁRIO da UFPE.

## O sutil filósofo do Ser

Certa vez, respondendo a uma pergunta do jornalista Richard Wisser a respeito de sua suposta indiferença aos problemas mais concretos do homem, ele contra-atacou: "Essa crítica não passa de um malentendido enorme! Pois o problema do ser e o desenvolvimento desse problema pressupõem, todos sabem, uma interpretação da existência, quer dizer, uma determinação da essência humana. E a idéia fundamen-

tal do meu pensamento é precisamente que a evidência do ser precisa do homem e que, vice-versa, o homem só é homem na medida em que está dentro da evidência do ser. Isto deveria acabar com a questão de saber até que ponto eu me preocupo apenas com o ser, esquecendo o homem. Não se poderia pesquisar o ser sem pesquisa a propósito da essência humana".

ger havia nascido em outubro de 1889), ainda pensava em ser padre e para isso se matriculou em teologia na Universidade de Friburgo.

### Verdadeira vocação

Repentinamente, desistiu de suas intenções e abandonou a teologia para dedicar-se às ciências naturais e à matemática. Mas o padre Konrad

Gruber, mais tarde arcebispo de Friburgo, ofereceu a Heidegger uma obra do alemão Franz Brentano sobre as categorias do ser segundo o grego Aristóteles. Então, Heidegger viu nascer a sua verdadeira vocação — a filosofia.

A partir daí, não foi senão filósofo. E, cumulado com a glória de ser considerado o maior filósofo alemão desde



a morte de Nietzsche, enveredou por caminhos que, segundo alguns dos seus críticos, como os neopositivistas, seguiam de perto as habituais inclinações "obscuras" e "ilógicas" da tradição metafísica alemã. Tais críticas, porém, não são capazes de diminuir a importância do filósofo. Há pouco tempo, o jornal francês *Le Monde* lhe outorgava o título de "o maior pensador de nosso tempo".

### Engano fatal

Ao defender, em 1916, uma tese sobre "A Doutrina

das Categorias e a Significação em Duns Escoto", filósofo alemão da Idade Média, Heidegger conseguiu a ambicionada qualificação de professor universitário. Sete anos depois, já nomeado professor da Universidade de Marburgo, deu início a uma série de conferências que culminariam, em 1927, com a publicação de *Ser e Tempo*, considerada a obra fundamental de Heidegger. Mas sua ascensão ao reitorado de Friburgo, ocorrida com a aposentadoria do fenomenologista Edmund Husserl, em 1933, coincidiu com a subida ao poder de Hitler.

E aí as coisas se complicam. Em seu discurso de posse e em várias manifestações posteriores, Heidegger não deixou de saudar o novo regime — e, violentamente, uma torrente de críticas desabou sobre todo o restante de sua vida. Contudo, em 1934, já decepcionado com o nazismo, renunciou à reitoria de Friburgo, embora continuasse dando aulas até 1945. A bem da verdade, Heidegger nunca foi um nazista no sentido estrito da palavra. Mas a falsa impressão de que os nazistas compartilhavam sua noção de que a vida do homem necessitava de uma inovação total,

fez com que ele se tornasse complacente.

### Sutilezas

Heidegger é um dos mais difíceis pensadores alemães. É, ao mesmo tempo, um mestre da sutileza ontológica. Para ele, o homem fora abandonado por Deus, estava entre um céu vazio e uma terra em desordem. Então, como não há mais Deus para guiá-lo, não há mais valores estáveis nem verdades, o mundo se apresenta incognoscível e estranho. Por outro lado, Heidegger concede relevante importância ao papel do futuro no desenrolar do tempo: a existência é vívida sobretudo como futuro. Francis Ponge, historiador da filosofia, resume tudo numa fórmula admirável: "O homem é o futuro do homem".

O existente é, portanto, o dado ontológico fundamental na visão do mundo de Heidegger. O ser humano "só pode definir-se a partir de seu existir, isto é, de sua possibilidade de ser ou não ser o que ele é".

Pois é justamente o tempo — uma tônica do seu em ditação — que irá, finalmente, decidir sobre o real valor da obra deste controverso filósofo alemão.

# Coletiva foi uma abertura a mais à música popular



POR  
CONCEIÇÃO LINS  
E  
JULIANA CUENTRO  
(DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFPE)

A I Coletiva de Música da Paraíba, realizada no Teatro Santa Rosa, em João Pessoa, de 26 de maio a 16 de junho, teve várias propostas em termos de abertura musical. A amostra representou o início de um diálogo mais amplo que os já realizados. A iniciativa de alguns compositores, no sentido de formar um público voltado para a música nordestina, não só no envolvimento de raízes, mas visando primeiramente os compositores do nordeste, teve uma grande aceitação por parte do público, que provou apoiar as promoções nesse sentido.

Segundo os participantes, o objetivo da Coletiva foi retirar do obscuro a música de autores paraibanos que, pela impossibilidade de ser mais amplamente difundida, termina por se transformar num monólogo do compositor consigo mesmo.

A I Coletiva de Música da Paraíba contou com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura e da Prefeitura Municipal de João Pessoa, e teve como coordenadores Cal Aranha, Pedro Osmar, Valdirino Mendes e Ivan Santos, figuras de bastante expressão no movimento artístico e musical paraibano.

As apresentações foram divididas em quatro etapas, num total de vinte participações (individuais e em grupos), uma vez por semana.

José Wagner, Zé Ramalho da Paraíba, Mozart, Jaiel de Assis, Cal Aranha, Pedro Osmar, Grupo Aveviola, Karlyto, Ivan Santos, entre outros, foram alguns dos participantes da Coletiva.

**"O VERDADEIRO ARTISTA É AQUELE QUE TEM O SENTIMENTO DO MUNDO"**

"A música não tem fronteiras e não pode se restringir a nenhum espaço geográfico, partindo do universo para atingir o universal, ela sabe abordar a realidade objetiva sem preconceitos. Toda e qualquer manifestação artística, realizada em qualquer lugar, é o acúmulo de várias tendências, o agrupamento de estilos de muitas e exaustivas experimentações"; e os realizadores dessa mostra tentam continuar provando isso, na criação de um "circuito" em estabelecimentos de ensino, num programa de participação permanente e atuante no movimento cultural paraibano.

**NAO GOSTO DE ROCK MAS FAÇO PRA VER NO QUE É QUE SAI".**

Essa declaração de Jaiel de Assis, um dos participantes, mostra o pensamento da Coletiva em termos de estilos musicais, ou seja, não importa que a música seja rock, baião, samba, country, etc, concluindo

assim que a arte busca os elementos opostos, até chegar a realização, numa atuação de polos contrários, concentrando-se a força total numa só harmonia. A música como uma manifestação do homem e o homem como seu condutor universal, isento de toda e qualquer nacionalidade, detectando o mundo que pulsa dentro de si mesmo, sem compromissos a regras fixas ou qualquer situação, que na maioria das vezes, estaciona a sua capacidade criadora, o seu sentimento do mundo.

**"TUDO É SUOR E MUITO VENENO".**

Além das dificuldades encontradas para esse tipo de promoção, apesar do apoio dos órgãos municipais, fez-se resistência na própria classe dos músicos, quando a maioria dos conjuntos da "baile" negou-se a participar e a ceder instrumental necessário para as apresentações.

Apesar da imprensa paraibana não ter feito a divulgação que seria de se esperar num movimento da terra, que luta por romper barreiras, acabar com o mutismo da classe artística, inovar em matéria de cultura, o público superlotou as dependências do Teatro Santa Rosa, numa demonstração de interesse para com esse tipo de promoção, mostrando que a arte ainda possui colaboradores, que vi-

bram com o aparecimento de inovações.

**"FIRMANDO LUGAR, CONQUISTANDO COMO SE CONQUISTAM AS BANDEIRAS E OS BANDEIRANTES".**

A capital da Paraíba vem sendo um berço de artistas. Festivais de música realizados desde 67 até 72, o I Encontro Artístico e Espiritual do Nordeste em 74 e mostras diversas como "3 Aboios" em dezembro de 75, revelaram novos valores, que se concentram nessa mostra sem qualquer caráter competitivo, e a expressão do que há de novo no trabalho musical dos artistas paraibanos. Enfrentando dificuldades, lutando por um lugar, renovando atividades para não estagnar, sempre presente, abrindo estradas onde existiam apenas veredas.

**DA ABERTURA:**

José Wagner, Zé Ramalho da Paraíba, com acompanhamento de Paulo Rafael e Israel, dois componentes da Banda de Alceu Valença; Mozart, Jaiel de Assis, Grupo Aveviola, foram os participantes da primeira noite da Coletiva. Os pontos marcantes da abertura foram as apresentações de Jaiel de Assis e Zé Ramalho da Paraíba.

Quando o apito da fábrica tocou mais cedo, Jaiel

não silenciou. Ele cantou mais alto: "Eu tenho medo da ponte Rio Niterói/pois tem um gênio olhando os carros/e eu tenho medo do gênio". A solidão dos homens, da cidade, a visão de cima e de baixo da ponte (talvez nunca vista por Jaiel) a permissão da fábrica para que o artista mostrasse no palco, ao público, o elo de ferro ou a separação: "Ele sabe dos homens/ do porto e até do mar./E ainda guarda nos olhos/o rosto de quem usar a ponte".

Zé Ramalho da Paraíba: O grito: "E calado vai ficando/só fala quando eu mandar"; a mágoa: "Que foi que eu fiz pra não merecer/um beijo mais quente/que a boca do povo viria a dizer"; as mãos fechadas: "Esperando a madrugada vir/e eu não posso com a mão retê-la"; o corte dos cabelos, corda presa de sete anos de lutas e músicas, que em sete minutos despencaram no barulho da tesoura, nos ecos do microfone, ao silêncio, dos cachos mudos como a platéia. No chão, os fios de cabelos desligados e na boca, a viola cantando mais forte: "Cuide pra que eu nunca tire a loteria esportiva/eu vou te massacrar".

**"SE EU DIGO QUE É BEM SABIDO, VOCÊ DIZ QUE É BEM PIOR".**

Para Zé Ramalho, o corte

em câmara lenta dos cabelos, representou o desligamento à crítica, que sempre deu demasiada atenção às roupas coloridas, aos tamanhos dos cabelos que ficavam cada vez mais compridos, enfim, a quebra da aparência, que sempre indicou aos olhos das pessoas, uma marginalização em todos os sentidos. Mas a música não possui fronteiras ou modos de viver. Ela é mais forte do que a vida e a morte, é mais livre que todo condicionamento que lhe queiram dar, cresce sempre, liberta ou não, mas presente em todos os sentidos e em todos os momentos/movimentos da vida.

**VOO COM AS BORBOLETAS**

O público que lotava o teatro viu e sentiu quando Zé Ramalho quebrou a televisão, ou "a fábrica de artistas". Jogada ao ar num horário previsto e sentido; o aparelho de TV espedaçou-se no palco. Cada fragmento espalhado simbolizava a quebra da "comercialização, do afastamento de valores reais, do impecilho à arte", da hipnose das massas.

Logo após, numa continuação da vida, um caminho a seguir, Zé Ramalho cantou: "A dança das Borboletas", uma proposta suave, uma visão futurista; uma opção: "As borboletas estão voando/ a dança louca das borboletas/ quem quer voar/não quer dançar/só quer voar/avoa...".

## Rock: do sonho ao pesadelo

A arte imita a vida ou a vida imita a arte? Eis uma pergunta que jamais terá uma resposta definitiva. Em determinadas circunstâncias sociais, surge um tipo de arte que acaba por influenciar o Modus vivendi das pessoas. Aconteceu com o romantismo, no século passado e, no nosso século, a grande revolução cultural e moral coube à música, a um tipo de música barulhento e agressivo, o rock'n roll.

### ORIGEM DO ROCK

Nascido nos Estados Unidos, na década de 50, o rock facilmente atravessou o Atlântico e alcançou a Inglaterra. Lá, paralelamente ao desenvolvimento em seu berço de origem, o qual não parou, ganhou novos refinamentos e, inicialmente através dos Beatles, influenciou os costumes de toda uma geração, no mundo inteiro, da Califórnia ao Japão, desde o corte dos cabelos — agora compridos — às roupas, atitudes e gírias.

Em termos musicais, o rock surgiu da confluência da música dos negros americanos descendentes de escravos, com a música caipira dos descendentes dos pioneiros de origem européia. Melhor falando, da confluência do rhythm'n blues negro com o country & western branco. Foi sempre uma música de juventude, de início música para dançar. Mas, acima de tudo, música violenta. O barulho parecia — e parece — ser a tônica desse tipo de música, pois três ou quatro rapazes armados de guitarras elétricas e bateria estremezem muito mais os ouvidos que toda uma orquestra sinfônica. Há quem diga, inclusive, que o rock é a transposição inconsciente para a música, por parte dos jovens, da poluição sonora dos grandes centros urbanos.

### EVOLUÇÃO

Nos anos de 1950, o rock era sinônimo de delinquência juvenil. Na década de 1960, a palavra rock evoca, embora ligeiramente, o binômio sexo/drogas. Nos meios mais conservadores, as críticas foram violentas. Em 1955, o crítico de música W. J. Henderson escreveu sobre o jazz: "Esta música gritante evoca uma orquestra de loucos, de maníacos sexuais". Se isto foi dito do jazz, hoje considerado muito bem-comportado, o que

não se disse do rock? Dez anos mais tarde, afirma Calvin Seerveld, professor do Trinity College de Chicago: "Os ritmos da canção dos Beatles A Hard Day's Night não passam de uma sinistra expressão da mais profunda volúpia".

O rock, porém, sofreu uma evolução gradativa da ingenuidade às mais ousadas proposições, para chegar, por fim, ao esgotamento. De que falava a "puberdade" do rock, o rock'n roll dos anos 50? Como mostra Ana Maria Bahiana, na década de 50, o rock era 80% dança e ritmo, 20% de coisas a dizer. Dizer o quê? Os cuidados eram poucos e básicos: um carro, uma garota, uma corrida, uma guitarra. "Vamos dançar! Vamos dançar! Todo mundo que estava atrás das grades/ dançava ao som do rock da cadeia", cantava Elvis Presley, em 1956, em Jailhouse Rock. "Nunca aprendeu a escrever ou ler direito/ mas tocava sua guitarra como ninguém", cantava Chuck Berry a propósito do seu herói Johnny B. Goode. "Venha se esbaldar na estrada 66", incentivava o mesmo Berry em Route 66.

Os conflitos descritos eram as brigas de rua ("Se você quer confusão/então é comigo mesmo", gritava Elvis em Trouble) ou discussões com os pais: "Você só vai sair/ depois que arrumar essa confusão no quarto/e não me responda", caricaturavam os Consters em Yakety Yak.

Influenciada por Bob Dylan, que vinha de uma tradição folk, country, nos anos 60 a linguagem dos músicos de rock se torna mais temerária. É sob a influência de Dylan que os Rolling Stones, por exemplo, em 1965, gravam sua consagrada Satisfaction: "Quando estou dirigindo o meu carro/e pinta um cara no rádio/falando e falando e falando/sobre coisas que não quero saber/ mas que deveriam incendiar minha imaginação/eu não consigo me satisfazer/não, não, não". Os jovens músicos de rock já estão maduros e gritam aos quatro ventos seu descontentamento juvenil, talvez seu descontentamento pelo fato de as garotas, os carros, as brigas de rua não terem conseguido preencher suas vidas. É também na perspectiva de Dylan que se torna clara uma letra como a de Help!, dos Beatles: "Quando eu era jovem/bem mais jovem que agora/eu nunca precisei da ajuda de ninguém/

mas agora esse tempo passou/eu não tenho tanta confiança/minha mente mudou/abri todas as portas/preciso de ajuda/estou deprimido".

A partir daí, entram as experiências com drogas, cantadas de muitas maneiras e de forma aberta. O rock quer adquirir o status de libertação individual, quando não de religião ou mesmo de profeta de uma nova era. O festival de Woodstock consegue reunir cerca de 400.000 pessoas, num cerimonial dionisíaco cujo lema é "Peace, Love and Music", mas onde o consumo de drogas corria solto. Os adeptos do rock acreditavam que, ao mesmo tempo que era preciso mostrar seu descontentamento, pelos cabelos, barbas, roupas e atitudes, também era necessária uma "mudança de consciência", daí seu apelo aos alucinógenos. Era um projeto audacioso, que se mostrou perigoso demais com o início da década de 70.

### ASCENSÃO E QUEDA

Ninguém melhor para ilustrar a ascensão e queda do rock do que o conjunto inglês The Beatles. Foram os Beatles que, da considerada conservadora Inglaterra, levaram os vários modismos e tendências do rock aos quatro cantos do mundo. No início de sua carreira, os jovens do mundo inteiro passaram a imitá-los, usando cabelos longos e botas de salto alto. Os Beatles se tornaram um poderoso objeto de consumo que trouxe enormes divisas ao Império Britânico, de sorte que a Rainha Elisabeth os condecorou. Posteriormente, vieram as experiências psicodélicas, o que se revela claramente através do som e das letras de suas músicas, atingindo o auge com o Sgt. Pepper's. Logo após as drogas, vieram as experiências místicas: os Beatles fizeram uma viagem à Índia e encontraram um guru (que na verdade vivia mendigando em Londres). Trocaram o terno característico por calças muito justas e camisões coloridos, deixaram a barba crescer e abandonaram a imagem de bons meninos. Tudo isso repercutiu no comportamento dos jovens do mundo inteiro.

Com o advento da década de 70, veio o pesadelo. 1969 é o ano de Woodstock, mas também o da morte de Brian Jones, guitarrista do Rolling Stones, drogado, como era

de se esperar. 1970 é o ano da morte de Jimi Hendrix e Janis Joplin, igualmente drogados. 1971 é o da morte de Jim Morrison, do conjunto The Doors, mesmo tipo de morte. Jim Morrison, por sinal, compôs uma música em que, em nome da juventude, berrava: "We want the world, and we want now!"

1970 também é o ano da dissolução dos Beatles. Gravando separadamente, seus quatro componentes não conseguiram o sucesso de quando estavam juntos. E foi precisamente John Lennon quem definiu de uma vez por todas a situação: "The dream is over" (o sonho acabou), proclamou.

O rock, atualmente, procura novos caminhos, tentando experiências junto à música erudita, como as dos conjuntos "Pink Floyd", "Emerson, Lake & Palmer", "Genesis" e outros. Assistimos a uma onda de nostalgia, quando estão voltando as gravações da década de 50. Fala-se de vez em quando que os Beatles vão voltar. Mesmo que voltem, os tempos mudaram, e não conseguirão reviver o sucesso passado.

### O ROCK NO BRASIL

No Brasil, o rock entrou através das baladas de Elvis Presley, Pat Boone e semelhantes. Cely e Tony Campello foram seus precursores, através de versões ingênuas e nada agressivas, como o rock americano original. Houve forte influência do rock em sua versão italiana, que chegou a marcar o "rei da juventude", Roberto Carlos e seu parceiro Erasmo, criando um estilo que se convenceu chamar de "iê-iê-iê".

Conjuntos se formaram, produzindo até hoje músicas mais para dançar do que para ouvir, como Renato e Seus Bluecaps, Os Incríveis, The Fevers, etc. Só recentemente se formaram grupos nos estilos americanos e ingleses, produzindo hard ou heavy rock, na maioria das vezes em inglês. O tropicalismo assimilou várias influências do rock internacional e, ao lado da música de Roberto e Erasmo Carlos, foram os únicos efeitos originais do rock no nosso país. Músicos como Alceu Valença, Walter Franco, Raul Seixas e outros, claramente influenciados pelo rock, são fenômenos isolados, merecedores de um estudo posterior, se conseguirem sobreviver ao tempo.



Fernando Augusto e Luis Mauricio coordenadores do Grupo SÓ-RISO

TEMÁTICA

A prática do teatro de bonecos foi se espalhando popularmente em várias regiões do país. Toda a temática desse teatro era de fundo religioso, popularizando-se com sua prática e incorporação lendas, estórias e mitos, assimilando os mais variados elementos da cultura popular e continuando, no Brasil, uma tradição milenar e uma história teatral que começa com o nascimento do próprio teatro.

Assimilando feitos e sofrendo influências regionais diversas, os bonecos ganharam igualmente denominações diferentes em vários Estados do Brasil:

- João Minhoca ou Brigueta — em Minas Gerais
- João Minhoca — em São Paulo
- Mané Gostoso — na Bahia
- João Redondo e Babau — no Rio Grande do Norte e na Paraíba
- Mamulengo — em Pernambuco

É quase fora de dúvida que Pernambuco tenha sido o Estado brasileiro onde os bonecos atingiram sua penetração mais popular.

O aparecimento de teatro de bonecos nos mais diversos países ou continentes, está sempre ligado a uma raiz religiosa. Seguindo esse fio da tradição, em Pernambuco, o mamulengo originando-se dos presépios, vai perdendo pouco a pouco o caráter religioso, tornando-se cada vez mais profano ao se difundir por todo o Estado, até constituir-se (ao lado do pastoril e do bumba-meu-boi) numa manifestação teatral verdadeiramente popular no Nordeste.

Dotados de extraordinário poder de comunicação e improvisação, surgiram os mamulengueiros — homens simples e em sua maioria analfabetos. Esses mamulengueiros são os responsáveis pelo desenvolvimento e expansão do mamulengo que, influenciando e sendo influenciado pela realidade sócio-cultural da região, incorporou os aspectos mais ricos e expressivos de nossa cultura popular.

APRESENTAÇÕES

Por serem populares e despojados de recursos técnicos complicados os mamulengueiros são artistas mambembes, que se apresentam nas feiras, nas praças por ocasião das festas religiosas ou nas esquinas de ruas movimentadas. O material de trabalho é simples, constituído dos bonecos, tenda de lona ou barraca de zinco e algumas vezes de microfone. Isto permite um contínuo deslocamento de cidade em cidade, de festa em festa, levando sempre alegria e diversão.

Os bonecos do mamulengo (aos quais também podemos chamar de mamulengos, uma vez que o nome se aplica tanto ao "brinquedo" quanto ao boneco de per si) são simples e primitivos. Procuram figurar apenas o que é essencial para caracterizar o tipo. Possuem talhe rústico e são inteiramente arbitrários quanto aos aspectos de realismo. Não existe preocupação de imitar o real. Eles sugerem o tipo realizando uma síntese de forma. Normalmente, são esculpidos em madeira leve, de preferência "mulungu" ou raiz de "panã" — planta aquática que nasce nos mangues.

SEM FRONTEIRAS

No mundo do mamulengo as fronteiras do realismo são rompidas. Penetramos nas regiões do encantamento, do sonho, da transfiguração. Tudo é permitido e nada é real. O mamulengo ao representar o humano prescinde de justificativas. O mamulengueiro se dá completamente ao boneco criando uma ligação que vai dele para o boneco e do boneco para ele.

Um dos aspectos mais importantes desse tipo de teatro é que não existe peças escritas. Não existe texto no mamulengo. Apenas um roteiro enumerando as seqüências do espetáculo.

Como nos espetáculos medievais da "comedia dell'arte", o mamulengo se baseia na improvisação livre criada pelo ator (mamulengueiro). É isto que torna esta arte tão expressiva e ricamente teatral. O diálogo surge espontaneamente, ao sabor das interferências do público, o que mantém sempre vivo o interesse de crianças e adultos. Exige-se do público uma participação ativa da imaginação, capaz de complementar o que apenas é sugerido. A resposta, o feedback imediato, nasce do clima de profunda interação entre BONECO/PÚBLICO, que o mamulengueiro cria com sua improvisação.

DECADÊNCIA

Vivendo sua fase de decadência, o mamulengo clama por ajuda, para que não desapareça com ele um dos aspectos mais poéticos e mágicos da cultura popular nordestina.

Olinda é o berço dessa tradição. Procuramos assimilar as qualidades essenciais do mamulengueiro popular e perpetuar a arte do mamulengo — recriando, a nosso modo, esse folguedo — quando transfiguramos a realidade (através da "brincadeira" teatral) dentro do mesmo espírito que o anima.

GRUPO "SÓ-RISO"

Surge no Recife, em 1969, o "Grupo SÓ RISO", com uma meta: salvar o mamulengo que vive, na sua forma popular, fase de decadência. "O nosso trabalho — confessam seus integrantes — teve seu começo em 1969, no Recife, sob a direção de Hermilo Borba Filho, no Teatro

# Teatro de boneco: embora teimosamente, continua vivo

Mal ele acaba de apresentar o primeiro número, e haja aplausos; homens, mulheres e crianças (estas, como gostam!) fazem a platéia, que não exige auditórios luxuosos; aliás, são espetáculos sem formalidades, quase feitos ao sabor do improviso, nas feiras, nos mercados, nas festas populares. É o mamulengo em ação. Teatro de bonecos, diga-se. Uma forma mágica de representação para o povo, falando a linguagem do cotidiano, assimilável por todos os setores da comunidade.

Foi em Olinda, a primeira capital de Pernambuco, e uma das cidades mais antigas do País, onde surgiram, para os brasileiros, nos idos do século XVI, duas formas teatrais, originadas do Presépio: o pastoril e o mamulengo — teatro com atores e teatro com bonecos. Os bonecos chegaram ao Brasil através dos primeiros colonizadores, uma vez que, no início do período colonial, o teatro de bonecos estava em pleno desenvolvimento por toda a Europa. Supõe-se que entre os colonizadores alguns conheciam o gênero, ou já o haviam praticado em seus países de origem.



Popular do Nordeste — TPN — e, posteriormente no CE-COSNE, onde se desenvolveu até criarmos o SÓ-RISO, quando partimos para a fase atual de profissionalização integral do Grupo".

Sobre o Grupo, disse Hermilo Borba Filho, na edição do Diário de Pernambuco de 01/04/76:

"Há muita coisa espantosa feita por bonecos na face da terra, desde que o homem apareceu, muita coisa feita em todas as partes do mundo. Muito, como Fernando Augusto e Luis Mauricio, com os seus outros companheiros, já deixaram os humanos pelos bonecos para praticarem um teatro de categoria. O exemplo de Gaston Baty, na França, foi o mais comentado, Baty montando todo um repertório clássico com as suas marionetes. Os rapazes daqui são mais modestos, embora não menos arrojados. Mais modestos? Creio que não. Só que as intenções — nem mesmo as intenções, as realizações — são diferentes. Enquanto Baty mergulhava, por sua cultura e princípios, num teatro que expressasse as dores e as alegrias dos personagens de autores famosos, o Teatro SÓ-RISO procura, nas raízes da sua região, um novo teatro que não sendo de violina (como dizia Aldomar Conrado), quero dizer, não sendo pitoresco simplesmente, possa nos conduzir, a todos, para os planos da arte e do humano. Que esta é a função dos artistas. No caso, a missão dos bonecos"

ESTREIA NA UFPE

"No Recife, estreamos com o SÓ-RISO em outubro de 1975, apresentando um espetáculo especial para o Reitor, Pró-Reitores e funcionários da Universidade Federal de Pernambuco, iniciando um trabalho sistemático de apresentações junto a instituições Culturais e Educacionais, patrocinado pelo Departamento de Extensão Cultural dessa Universidade. Ainda no Recife, em janeiro do corrente ano, participamos do V FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO DE BONECOS, tendo o nosso trabalho despertado o interesse geral dos vários grupos participantes.

Propondo-se atingir públicos variados, o Mamulengo SÓ-RISO possui um repertório específico para adultos e crianças:

- 1) "FESTANÇA NO REINO DA MATA VERDE" — de autoria de Fernando Augusto e Nilson de Moura. Espetáculo para adultos, inspirado na tradição de nossos folguedos populares.
- 2) "AS AVENTURAS DE UMA VIÚVA ALUCINADA" — de Ginu — Janeiro de Oliveira, o mais famoso mamulengueiro popular nordestino ainda vivo. Espetáculo para adultos, no estilo picaresco da "comedia dell'arte".
- 3) "O CARNAVAL DA ALEGRIA" — de autoria de Fernando Augusto e Nilson de Moura. Trabalho inspirado no carnaval pernambucano. Espetáculo infantil.

Paralelamente aos espetáculo o grupo tem realizado cursos sobre Teatro de Bonecos e cultura popular nordestina, para estudantes, professores e interessados. Mantém ainda um setor especializado na criação e feitura de bonecos, máscaras, apetrechos de cena e objetos artesanais.

Hermilo Borba Filho endossa o nosso trabalho na fase atual, ao escrever para o Mamulengo SÓ-RISO a sua Carta de Apresentação nos seguintes termos:

"Informo a todos aqueles que se interessam pelas formas artísticas dramáticas, não somente da nossa região — o Nordeste — mas a todo o Brasil, que o MAMULENGO SÓ-RISO, composto de artesãos, dramaturgos e mamulengueiros, se reveste da melhor qualidade artístico-cultural, fundamentado que está em nossas melhores raízes populares, prestando, assim, serviço inestimável a toda uma comunidade, cujas dores e alegrias podem ser vistas através das peças habilmente encenadas".

## O VENTRÍLOQUO

MARCUS ACCIOLY

O poeta é o ventríloquo e o poema é o boneco que fala a sua voz que senta no seu colo e que se move na sua mão como se fosse um outro

O povo ri e chora com o boneco ah ele sempre tem uma resposta tem sempre à boca uma palavra feita o boneco tem todas as palavras

O povo pede bis para o boneco o povo está de pé (o povo grita) e o boneco agradece e pede palmas apontando com a mão para o ventríloquo

O boneco entra em cena novamente o povo sabe o nome do boneco o ventríloquo fala com o boneco e boneco conversa com a platéia

O povo ama o boneco e o povo escuta o que o boneco diz (o povo diz o que o boneco disse) ah o ventríloquo também escuta e aprende com o boneco

O boneco não morre (ah o boneco só envelhece a voz) pois o ventríloquo não é o mesmo quando desce o pano mas o boneco continua o mesmo



## UMA CIÊNCIA EM QUESTÃO

# Psiquiatra defende o livre direito ao delírio e à alucinação

Quem está com a verdade — o psiquiatra ou o antipsiquiatra? Apesar do desenvolvimento da ciência médica, as opiniões ainda se dividem.

A psiquiatria tem sido criticada por reprimir a loucura. O movimento surrealista, por exemplo, reivindicou, através de Antonin Artaud e André Bréton, livre direito ao delírio e à alucinação.

A partir da década de 60, alguns psiquiatras põem em questão os cânones da psiquiatria, abrindo uma frente de discussão no próprio âmbito da psicopatologia clássica, em termos ousados, como a seguinte afirmação de R. D. Laing, considerado o "papa" da antipsiquiatria: "O louco não é um doente, mas alguém que resolveu fazer uma crucial viagem ao interior de si mesmo".

## Orientações Doutrinárias em Psiquiatria

A psiquiatria é considerada o ramo da medicina cujo objeto é a enfermidade mental. Assenta-se sobre a psicopatologia, que é tida por alguns quase como uma "ciência pura": a psiquiatria visa a cura e o tratamento, enquanto a psicopatologia estuda a patologia mental como uma ciência que tem seu único objeto no próprio estudo das manifestações patológicas. Ambas são complementares da psicologia.

Embora haja controvérsias sobre se a psiquiatria está mais intimamente ligada às ciências naturais ou às ciências humanas, a tese de que é uma ciência humana (defendida, por exemplo, por Jaspers) é largamente aceita, tendo em vista que seu objeto são os transtornos da mente do homem, ou seja, está ligada estreitamente ao estudo do comportamento e da personalidade do ser humano.

Este não é o único ponto em que estão em desacordo os psiquiatras e psicopatologistas. Pelo fato de uns porém ênfase nos fatores ambientais, outros na patogenia inconsciente, e assim por diante, cinco grandes correntes doutrinárias se desenvolveram, em alguns casos caminhando praticamente para pólos opostos umas das outras. Enumerando-as, são:

1) Teorias psicogenéticas dos fatores ambientais — defendem que as perturbações mentais são o efeito de causas morais ou reações a situações desgraçadas ou difíceis da vida do paciente.

2) Teorias psicogenéticas do inconsciente patógeno — as enfermidades mentais são consideradas manifestações simbólicas do inconsciente. É a orientação geral da psicanálise em suas múltiplas escolas, freudiana ortodoxa, junguiana, etc.

3) Teorias organogenéticas dinâmicas — as enfermidades mentais se constituem a partir da desorganização do ser psíquico a diversos níveis, sendo condicionada essa desorganização por fatores orgânicos. É a orientação mais difundida através das Faculdades de Medicina, levando ao tratamento dos distúrbios mentais com tranquilizantes, eletrochoques e insulino-terapia, formas de terapia por outros consideradas drásticas.

4) Teorias psicogenéticas mecanicistas — partem do princípio de que as perturbações mentais são como um mosaico de sintomas produzidos mecanicamente em centros cerebrais.

5) A última orientação doutrinária é a da análise existencial e fenomenológica — utilizando tópicos da Fenomenologia de Husserl e do existencialismo filosófico, tal como proposto por Heidegger e Sartre.

A antipsiquiatria (nome dado pelo psiquiatra inglês David Cooper a uma nova orientação radical no âmbito da psiquiatria) liga-se às teorias do inconsciente patógeno (freudianas) e à análise fenomenológica e existencial, mas só em suas origens, pois chega a conclusões inusitadas: a negação da loucura e das doenças mentais. Além de ter como ponto de partida a psicanálise e a análise existencial e fenomenológica, a antipsiquiatria não se peja de tomar subsídios do misticismo oriental, do Taoísmo e Zen-Budismo, especialmente.

É impossível deixar de enunciar igualmente as terapias e orientações doutrinárias criadas por psicólogos, no caso, psicólogos clínicos, tais como a terapia não diretiva de Carl Rogers (em que o psicoterapeuta procura não interferir de maneira direta nos rumos escolhidos pelo paciente — que por sinal passa a ser chamado de cliente — e tenta fazer-lhe um chamamento à liberdade, levá-lo à plena individualização) e o behaviorismo, que, partindo das experiências de Pavlov, chegou ao estado atual graças às contribuições de John Watson e B. F. Skinner.

Infelizmente, há no Brasil um certo mal-entendido entre psiquiatras e psicólogos clínicos. Alguns psiquiatras negam ao psicólogo direitos mais amplos que os de auxiliar o médico, com aplicação de testes e psicoterapias de apoio, cabendo normalmente ao médico-psiquiatra, que pode prescrever tratamentos orgânicos, as decisões mais importantes. É um preconceito que, tudo leva a acreditar, tende a desvanecer-se, haja vista a recente e vitoriosa luta dos psicólogos brasileiros pelo direito de exercer a psicanálise.

## Breve histórico

Durante muito tempo os transtornos mentais foram considerados — e ainda são, em muitas culturas — fenômenos ligados ao sobrenatural. Na perspectiva da civilização ocidental, as medicinas greco-latina e árabe deram alguns passos em direção ao afastamento dessa crença, considerando a mania, a melancolia, a epilepsia e o delírio manifestações de origem natural e, mais tarde, na Idade Média, teólogos, como São Tomás de Aquino, defenderam esta tese, afastando o fenômeno do sobrenatural.

Contudo, foi justamente por essa época que a demonologia inspirou os piores excessos; foram necessários grandes esforços no sentido de se fazer aceitar a idéia de que as "bruxas" e os "possessos" poderiam estar sofrendo de uma enfermidade mental. Jean Weyer foi um "apóstolo" dessa cruzada, que não evitou que muitas pessoas mentalmente perturbadas sofressem torturas ou pudessem ser jogadas na fogueira.

Em séculos passados, os doentes mentais, quando agitados e considerados perigosos, foram aprisionados juntos com criminosos e vagabundos. Não havia intenção de cura, mas somente de repressão.

### O INÍCIO

A psiquiatria propriamente dita só foi surgir em fins do século XVIII, mais precisamente na França, justamente durante a Revolução Francesa, com Pinel, que, "rompendo as cadeias dos alienados", como se costuma dizer, situava a enfermidade mental dentro do quadro das ciências médicas. No século XIX, a psiquiatria conquistou definitivamente direitos de cidadania. Não se tentava a terapia como fim exclusivo; em verdade, foram a disciplina e a segurança que marcaram o nascer da psiquiatria.

Todavia, surgiu um princípio de curiosidade científica e realmente se pensou em termos de humanização do tratamento psiquiátrico, o que conduziu à fundação dos hospitais especializados. No correr do século XIX, o trabalho psiquiátrico científico foi produzido, pelos médicos, de forma crescente, nas universidades e clínicas. E mar-

cante a partir de então o relacionamento com as pesquisas psicológicas: antes, a psicopatologia restringia-se, sobretudo, a pesquisas que podem ser chamadas "puramente médicas": o interesse quase total era voltado para o cérebro, enquanto paralelamente se dava ênfase especial a especulações marcadas por influências de idéias metafísico-filosóficas.

### QUADROS CLÍNICOS

De início, a psiquiatria, segundo a orientação geral da ciência anatomo-clínica, se lançou à classificação e descrição dos quadros clínicos e, conforme se acreditava existissem, às suas origens no contexto do mau funcionamento orgânico. Posteriormente, com Bleuler, A. Meyer, Hoche, Claude e outros, veio a reação a essa "nosografia clássica": os psiquiatras tenderam a considerar as enfermidades mentais como formas evolutivas cuja estrutura e evolução não podem ser assimiladas a uma especificidade absoluta de natureza, posto que estas "reações" derivam ou parecem derivar de etiologias diversas.

Não se pode deixar de salientar o relevante papel do hipnotismo no quadro da ciência psiquiátrica. Foram contactos e experiências de médicos e psicólogos com o hipnotismo que vieram a produzir o que hoje se convencionou chamar de psicoterapia. A própria psicanálise não existiria hoje sem o interesse despertado pelo hipnotismo em Breuer e Freud. Partindo das experiências de Charcot e outros, Breuer e Freud esboçaram a psicanálise, sendo que este último acabou por lhe dar uma característica especial, associando a idéia de um inconsciente com uma ousada teoria da sexualidade.

A partir daí, a psiquiatria, em sua orientação médico-neurofisiológica, pouco progrediu. É verdade que em nossos dias assistimos ao aparecimento de sempre mais sofisticadas fórmulas de tranquilizantes, contudo, os próprios médicos concordam em que se conhece muito pouco das bases orgânicas das enfermidades chamadas funcionais, como a esquizofrenia, a paranóia e a psicose maniaco-depressiva.



Psicóloga Rosa Cândida Queiroz

## Formas de Tratamento

No contexto doutrinário das orientações em psiquiatria, o enfermo tem muitas formas de ser tratado. A começar pela psicanálise, ortodoxa, culturalista, existencial ou junguiana, com ou sem divã, acusada por adversários como eficaz apenas em neuroses menos severas e defendida por seus seguidores como a única maneira de se chegar às origens do distúrbio.

Ou as diversas formas de psicoterapia quase sempre aplicadas por psicólogos:

1) psicoterapia de apoio; 2) psicoterapia reflexológica; 3) psicoterapia rogeriana não diretiva; 4) gestalt psicoterapia. Psicoterapia de grupo, psicodrama, ludoterapia são outras formas de tratamento. Além de na maior parte das vezes exigirem um bom nível cultural dos clientes e do psicoterapeuta (o que também se aplica à psicanálise), são também formas onerosas e prolongadas de tratamento, como tais inacessíveis à grande maioria dos enfermos.

Para os distúrbios mais graves — como as psicoses e mesmo para neuróticos de baixo nível cultural e social — as soluções mais usadas são as chamadas "formas drásticas de tratamento": eletrochoques, insulina, convulsões medicamentosas, a quimioterapia e, por fim, o internamento. É principalmente contra estas últimas formas de tratamento que se insurge a antipsiquiatria, por considerá-las um ataque à pessoa do paciente e, ainda, ineficazes, ou "efêmeras e opressivas", no dizer de R. D. Laing.

## A Perspectiva Antipsiquiátrica

O movimento surrealista já havia reivindicado o direito do louco de ter, sem cerceamentos, seus delírios. Antonin Artaud, célebre escritor francês, que por sinal esteve internado várias vezes em hospitais psiquiátricos, escreveu certa vez: "Não podemos admitir que se impeça o livre desenvolvimento de um delírio". Em nome de todos os doentes mentais, escrevia: "Não estamos loucos, somos maravilhoso. Nós médicos, conhecemos o que pode adoçar a alma, a sensibilidade, a medula e o pensamento". André Bréton, o principal líder de tal movimento artístico, também reivindicou, em seu manifesto surrealista, o livre direito do delírio e da alucinação.

São, porém, opiniões de artistas e intelectuais. As coisas mudam de figura quando um psiquiatra de vasta experiência clínica chega a explicar: "O louco não é um doente, mas alguém que resolveu fazer uma crucial viagem ao interior de si mesmo". São palavras de Ronald David Laing, considerado o "papa" da antipsiquiatria. Com elas, retira a loucura das de-

finições médicas e coloca-a como uma escolha, uma decisão da própria pessoa frente a acontecimentos de profundas conseqüências existenciais.

### ALTERNATIVAS

Embora não seja ele o único porta-voz da antipsiquiatria (entre os quais se encontra até o filósofo francês Michel Foucault), é, sem dúvida, o mais lúcido e o de mais elegante estilo literário. Laing e seus colaboradores criaram, na Inglaterra, alternativas para os hospitais psiquiátricos fechados, suas chamadas "residências", espécies de hospitais abertos, onde o paciente tem o direito de entrar e sair quando quiser, escolher se recebe ou não visitas, não toma qualquer tipo de tranqüilizante nem eletrochoques e participa da administração da "casa", de sorte que se torna difícil distinguir entre os doentes e o pessoal médico. Embora nem tudo se defina, procurou-se uma definição para antipsiquiatria. É Laing quem a dá:

"É um programa bastante vasto: derrubar os muros dos manicômios, lutar contra o fe-

roz isolamento dos doentes, preparar um diálogo, considerá-lo impossível, com os esquizofrênicos, deixá-los ir ao fundo dos seus delírios, arriscando-se a que eles se percam completamente ou voltem curados, recusar as soluções efêmeras e opressivas, como os calmantes e os eletrochoques. E também tornar claro que a sociedade chama de louco àquele que escolhe estradas que ela não reconhece nem admite".

### PAPEL NA SOCIEDADE

Na opinião de Laing, o papel da psiquiatria na sociedade é essencialmente repressivo, chegando a chamar os psiquiatras de "policiais do espírito". Para ele, o que comumente se chama de psicose não é doença, mas uma espécie de cura. O estado de "normalidade" é criticado; acha que o interesse atual de Freud reside em grande parte no fato de ter ele compreendido e demonstrado que a pessoa "normal" não passa de "um fragmento amachucado e endurecido do que uma pessoa pode ser... um ser semideamente, mais ou menos adaptado a um mundo que o é com-

pletamente". E cita como argumento: "Nos últimos cinquenta anos, os homens normais mataram cerca de cem milhões de seus semelhantes, igualmente normais".

Embora não se dedique em estudos apenas à esquizofrenia, são suas idéias sobre esta tão discutida afeição mental que mais chocam. A esquizofrenia, para ele, é uma viagem de ida e volta ao mundo interior e, se grande parte dos esquizofrênicos não consegue recuperar-se, é devido ao próprio tratamento psiquiátrico. "A luz que ilumina o esquizofrênico não é deste mundo", afirma. No que toca o mundo interior, insiste Laing, os esquizofrênicos têm mais a ensinar aos psiquiatras que o contrário.

### ESTRATÉGIA

Ligado à chamada family therapy, criada por Harry Stack Sullivan, Laing acredita que a esquizofrenia é uma estratégia que a pessoa usa para enfrentar situações familiares insuportáveis e que o comportamento esquizofrênico só pode ser compreendido no contexto de sua família. Cri-

ta os psiquiatras clínicos por não tentarem a compreensão conjunta do comportamento do esquizofrênico com o de sua família, dizendo que eles usam viseiras, que, no caso, são as próprias classificações da psicopatologia clássica.

Usando de uma analogia com os exploradores do espaço e tempo exteriores, como os exploradores da Renascença, afirma que os homens do futuro considerarão nossa época esclarecida como um século de obscurantismo. Rirão de nós:

"Saberão que aquilo que designamos por 'esquizofrenia' é uma das formas sob as quais — tantas vezes devido a pessoas vulgares — a luz pode penetrar através das frestas dos nossos espíritos fechados".

A obra de Laing é vasta. Seus livros traduzidos para o português são: *O Eu Dividido, O Eu e os Outros, A Experiência Interpessoal, Laços, A Política da Família e A Política da Experiência e a Ave do Paraíso*.



Psiquiatra Celeste Aida Chaves

## Psicóloga defende serviços psicoterápicos à comunidade

De acordo com a psicóloga clínica Rosa Cândida Queiroz, ainda não existe uma conscientização por parte de muita gente sobre o trabalho do psicólogo clínico, como também sobre os benefícios que a psicoterapia traz ao indivíduo, auxiliando-o para que possa encontrar novas formas de comportamento com meio de propiciar um melhor ajustamento. Há pessoas que, mal orientadas, esperam do psicólogo soluções milagrosas para os seus problemas. Existem preconceitos contra os psicólogos, pois muitas pessoas se esquivam ao relacionamento com eles, por terem uma concepção errônea, segundo a qual o psicólogo adivinha tudo que se passa com o cliente, conhece a pessoa só pelo olhar. Além do mais, muitas pessoas ainda acham que procurar um psicólogo significa estar com problema psiquiátrico sério e até escondem que consultam seu filho com o psicólogo.

O que mais dificulta nosso trabalho é o conceito que se tem do psicólogo, repito, a falta de conhecimento sobre seu trabalho, havendo pessoas que chegam a afirmar que o tratamento psicológico é um luxo, enquanto outras o encaram como um padre a quem se vai contar sua vida, e outras ainda que dizem que conversa não cura ninguém. Felizmente, já há um grande número de pessoas que não possuem mais essa concepção e valorizam o trabalho do psicólogo, que é, antes de tudo, um meio para auxiliar na adaptação do indivíduo à sociedade.

Para o atendimento psicoterápico se estender a um grande número de pessoas, seria necessário organizar serviços com programação sobre Higiene Mental nas Escolas, Colégios, Postos de Saúde, instituições filantrópicas, etc., onde já

se iniciaria uma assistência psicoterápica, funcionando como meio de prevenção de futuros desajustamentos, além do atendimento de psicoterapia em grupo, beneficiando assim maior número de pessoas. O atendimento em Postos de Saúde do Estado e a contratação de psicólogos pelas instituições de Previdência Social proporcionariam uma assistência psicológica mais ampla.

Quanto às afirmações de R. D. Laing de que os distúrbios mentais só podem ser compreendidos no contexto da família do paciente, sabemos que muitas vezes o esquizofrênico vem de um ambiente familiar mal estruturado e de um relacionamento inadequado com as figuras parentais. Então, para compreendermos o esquizofrênico, necessitamos ter conhecimento da dinâmica familiar na qual ele está inserido. Laing critica ainda as classificações usadas em psicopatologia; quanto a elas, representam para muitos psiquiatras e psicoterapeutas apenas um meio de utilizar a técnica adequada para cada caso em especial, não significando necessariamente que pensem ou ajam de modo a isolar o indivíduo do seio da sociedade, alienando-o pelo fato de apresentar sintomas característicos de uma psicopatologia específica. Dependendo do próprio psicoterapeuta, poderão ser empregados métodos que visem a ressocialização do indivíduo, em todos os aspectos, sejam familiares, sociais ou profissionais. Para tanto, se faz necessária uma conscientização das camadas menos esclarecidas, em termos de doença mental, no sentido de aceitarem o indivíduo e, principalmente, de colaborarem com a sua readaptação à sociedade.

Sobre o internamento, tenho a dizer que em alguns casos é realmente neces-

sário. Quando falo em internamento, refiro-me àquele realizado em hospital com as mínimas condições de o paciente receber, se necessário, medicação adequada para ajudar na sua ressocialização, tratamento psicoterápico, assistência em Terapia Ocupacional e ambiente propício para o seu reajustamento. Muitos casos são indicados para tratamento com internação em sistema de Hospital-dia, onde a pessoa continua em contato com a família. Num internamento onde a pessoa recebe tratamento adequado, poder-se-á recuperar, pois muitas vezes o ambiente familiar contribui para a doença. O internamento por longos períodos em hospitais tradicionais, que não oferecem as condições necessárias para a re-integração social do indivíduo, isolando-o da família, do contato com amigos, não permitindo visitas ou saídas em fins de semana, poderá concorrer para a cronicização. É também o caso de internamentos frequentes com o fim de satisfazer a família que não quer aceitar a pessoa considerada doente. O internamento pode se constituir numa medida repressiva se é utilizado pela família e pelas instituições como um meio de não permitir ao indivíduo (pelo fato de ter internamentos anteriores) continuar vivendo num ambiente composto de pessoas "normais".

Em relação aos pontos positivos da antipsiquiatria, ela é em si muito construtiva, pois visa tratar a pessoa a partir de uma compreensão mais empática, para poder ajudá-la. Não creio que venha a assumir o papel da psiquiatria clínica, podendo esta, no entanto, lançar mão de certas proposições da antipsiquiatria para auxiliar de modo mais eficiente na recuperação do doente mental.

## Médica diz que sociedade pode ser mais repressiva

Quanto à afirmação de R. D. Laing, de que os psiquiatras usam as viseiras das próprias classificações da psicopatologia clássica, enxergando assim o paciente isolado do seu meio e de sua família, acha a psiquiatra Celeste Aida Chaves que o maior problema não é o fato de existirem as classificações. Elas existem e são, até certo ponto, úteis. Quando, porém, se enquadra uma pessoa dentro de uma determinada entidade nosológica, que limita, bitola e anula todos os demais aspectos do paciente como pessoa é que a coisa se torna séria. Realmente, muitos psiquiatras usam o enquadramento nosográfico a fim de evitar uma maior aproximação com seu paciente como **pessoa**. Logo, o problema não está nos métodos nem nas classificações e sim na mente de quem está fazendo o papel de psiquiatra.

Contrariamente a quem só vê o lado repressivo da psiquiatria, não a vejo desta maneira. Psiquiatria é também ciência e investigação, não é só tratamento. O internamento nem sempre é repressivo, muitas vezes é protetor. As vezes o ambiente social é muito mais repressivo que o hospital — tudo depende da estrutura desse hospital e da equipe que ali trabalha.

Os antipsiquiatras criticam os tratamentos do tipo dos eletrochoques, convulsoterapia e insulino-terapia, por os conside-

rarem um ataque à pessoa do paciente. Realmente, são métodos até certo ponto agressivos. Mas, em certos casos, trata-se de uma escolha entre a vida e a morte. Uma cesárea também é agressiva à mãe e ao feto, mas às vezes é o que lhes salva a vida.

Há quem diga que os medicamentos usados na quimioterapia são danosos ao organismo, que causam mutações genéticas. Quanto às mutações genéticas, nada há de definitivamente comprovado. Alguns danos ao organismo, quase sempre trazem, do mesmo modo que outros medicamentos usados constantemente na clínica, tais como os antibióticos, sulfas, hormônios, etc. Justifica-se seu uso, da mesma forma que se justifica o uso do antibiótico para uma infecção.

Óbvio que há algo de construtivo na antipsiquiatria. O exercício da psiquiatria depende muito do equilíbrio emocional que cada psiquiatra possui. Se se conseguir que cada técnico da equipe psiquiátrica se conscientize do seu papel antes de tudo como pessoa, despidida de preconceitos psiquiátricos, que possa ver o tratamento como um caminho, um evoluir; se, inclusive, a gente conseguir diluir um pouco os limites rígidos entre o normal e o patológico, então é possível fazer uma boa psiquiatria, ou mesmo, se quiser, antipsiquiatria.



"A vida na fazenda se tornou difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manjava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a caatinga amarela, onde as folhas se pulverizam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul, as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre. Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido".

Esse trecho clássico do romance "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, reforça o ponto de vista da Sudene inserido no "Plano de Emergência Contra As Calamidades Públicas", 1976, quando reconhece que "o primeiro sintoma de agravamento das condições sócio-econômicas de uma área atingida por estiagem demasiadamente prolongada é o afastamento do rústico de suas habitações e a busca de locais onde possa se prover dos alimentos indispensáveis à sua subsistência e de sua família". Acrescenta, ainda, que "em condições normais, o êxodo do homem do campo para as cidades tem início no momento em que as culturas alimentares passam a ser consideradas perdidas e a perspectiva de formação de novas plantações desaparece".

# Professor indica alteração do clima semiárido como solução para as estiagens

RAIMUNDO CARRERO



A seca outra vez

Polígono das Secas

Como se não bastassem as enchentes que, periodicamente, atingem Pernambuco, sobretudo o Recife, causando enormes prejuízos, a seca, mais uma vez, altera a vida dos sertanejos do Estado. Segundo o deputado arenista Inocêncio Oliveira, em pronunciamento na Câmara Federal, a seca já provocou, ao longo de sua história, a morte de 150 mil nordestinos. E, com vistas a solucionar o problema, vários planos foram elaborados por órgãos competentes, inclusive a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

No entanto, para o professor Rodolfo Paes Ramos, de São José dos Campos, e com pós-graduação em Ciências Atmosféricas pela Universidade do Estado do Colorado (EUA), uma das formas eficientes para que se possa evitar a seca é a alteração do clima semi-árido. Revela, porém, que "dada a complexidade do problema, tal modificação, se possível, será a longo prazo, digamos de 20 a 25 anos".

#### Pesquisa

Antes da aplicação do plano, é necessário, segundo o seu idealizador, que seja realizada "uma criteriosa e detalhada pesquisa sobre todos os sistemas meteorológicos da estrutura e comportamento tri-dimensional da atmosfera do Nordeste, e a resposta a ser esperada da atmosfera, com a aplicação de nuvens de partículas de carbono como fonte de calor, ou seja, para absorção da energia solar pela atmosfera sobre o Atlântico a Este, permitindo o aquecimento da atmosfera e, como consequência, aumento da convecção e da evaporação, os dois fatores responsáveis pela formação e/ou intensificação das nuvens convectivas".

Acrescenta que "uma vez concluída esta pesquisa — dentro de 4 ou 5 anos — teremos condições de responder se é realmente conveniente iniciar a operação de campo. Tal resposta será dada à SUDENE, financiadora do projeto através do Convênio com o Ministério da Aeronáutica/CTA".

O drama periódico das longas estiagens no Nordeste, atinge o que se denominou chamar o "Polígono das Secas", que compreende uma área de 950.000Km<sup>2</sup>, delimitada pela Lei n.º 1.348, de 10 de março de 1951, equivalente a 72% da região sob a responsabilidade da Sudene, num total de 1.024 municípios. Dentro desses limites, incluem-se partes de zonas fisiográficas do agreste, sertão, litorâneo setentrional e de transição à Amazônia.

A população do Polígono é estimada em 17 milhões de habitantes, correspondendo a 55% da população do Nordeste. Em sua maioria, exerce atividades primárias. Tais atividades podem ser representadas pelo trinômio algodão, pecuária e culturas de subsistência: milho, feijão, mandioca e arroz.

De acordo com o "Plano de Emergência Contra as Calamidades Públicas", 1976, elaborado pela Sudene, "o excesso da oferta de mão-de-obra nordestina acarreta um insignificante grau de capitalização das unidades produtoras. Como o trabalhador depende da agropecuária para subsistir, o volume da força de trabalho está relacionado com a extensão de terras aptas para o mesmo fim. Em consequência, é o uso da terra que determina em última instância tal produção".

#### Atendimento

De acordo com o relatório da Sudene, "o atendimento às populações vitimadas pelas calamidades públicas se consubstancia na prestação de serviços assistenciais, na execução de obras públicas, de serviços de natureza preventiva e em outras atividades consideradas necessárias para o momento.

"A responsabilidade de realização dos serviços das obras de emergências estará a cargo dos seguintes órgãos: 1.º Grupo de Engenharia do Exército — (1.º CPTE); Departamento Nacional de Obras Contra as Secas — (DNOCS); Departamento Nacional de Estradas de Rodagem

— (DNER); Governos Estaduais, Comissões de Defesa Civil estaduais e outras instituições convocadas para o mesmo fim".

Acrescenta que cada zona terá uma sede da Operação Emergência, localizada, de acordo com as condições administrativas existentes, na cidade mais importante, possuidora de meios de comunicação, comércio, indústria, educação, assistência social e médico-hospitalar. A direção de cada zona fica a cargo de um engenheiro ou oficial residente (do 1.º GPTE), assessorado por um corpo de auxiliares técnicos e administrativos.

Informa o item VI — Atuação Governamental — Em caso de Seca, do "Plano" que "a ação do Governo Federal e dos Governos Estaduais, objetivando prestar assistência direta ao homem do campo atingido pela seca, consiste na programação e execução respectivamente de obras e serviços, durante a ocorrência do fenômeno, nos seguintes setores: 1) Obras Públicas; 2) Abastecimento de Gêneros Alimentícios; 3) Saúde Pública; 4) Capacitação de Recursos Humanos: a) Alfabetização; b) Qualificação de Mão-de-Obra; 5) Assistência à Irrigação; 6) Financiamento ao Investimento Rural; 7) Suprimento de Sementes; 8) Abastecimento de Água e 9) Perfuração de Poços".

#### As causas da seca

Para o professor Paes Ramos, a colonização do Nordeste do Brasil começou no século XVI. Existem historiadores que crêem que em séculos passados a vegetação e precipitação foram mais intensas que atualmente, embora existam outros que crêem que sempre houve secas como hoje, no Nordeste. Se realmente a vegetação e a precipitação eram mais intensas, naturais ou provocadas pelo homem, mudanças do clima ocorreram. É muito importante conduzir uma cuidadosa investigação histórica para se conhecer a verdade. Se houve mudanças, quais as causas? Se não houve, quais os responsáveis pela anomalia climática?